

PATRICIA RIBEIRO ZUKAUSKAS

## **A temporalidade e a síndrome de Asperger**

Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de concentração: Fisiopatologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Francisco Baptista Assumpção Junior

SÃO PAULO  
2003



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Professor Dr. Francisco Baptista Assumpção Junior, por sua dedicação, confiança e respeito, constantemente presentes em seu trabalho como orientador deste estudo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio financeiro.

À Professora Márcia Gabriel da Silva Rego (Serviço de Psicologia do IPq-HCFMUSP), pelo incentivo e colaboração.

Agradeço muitíssimo a todos os participantes que compuseram o grupo denominado síndrome de Asperger, assim como seus responsáveis, pela disponibilidade e pela essencial contribuição a este estudo.

A todos os participantes do grupo de comparação e seus pais, pela gentil colaboração.

A todos os profissionais que auxiliaram na coleta de dados, vinculados às seguintes instituições: Adiante (Osasco, SP); Ahimsa – Associação educacional para múltiplas deficiências (São Paulo, SP); Ambulatório de saúde mental da Lapa (São Paulo, SP); Associação de pais e amigos de excepcionais (Jundiaí, SP); Associação de amigos do autista (São Paulo, SP); Associação de pais, amigos e educadores de autistas (Santos, SP); Associação de profissionais e amigos de autistas e de crianças com distúrbios de aprendizagem Joel Pedro Jorge (Taubaté, SP); Centro israelita de assistência ao menor (São Paulo, SP); Instituto S.E.R. (Campinas, SP); Nosso Lar (São Paulo, SP); Serviço de psiquiatria da infância e adolescência do Instituto de Psiquiatria do HC-FMUSP (São Paulo, SP).

Às duas escolas estaduais de São Paulo que contribuíram para a coleta de dados do grupo de comparação: Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Zeicy Aparecida Nogueira Baptista e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Inácio Maciel.

Aos profissionais: Dr. César Moraes, Dra. Cristina Vicentin, Dra. Evelyn Kuczynski, Dr. Estevão Vadasz, Psicóloga Fátima Ferreira Gonçalves, Dr. Francisco Baptista Assumpção Jr. e Dra. Solange Aparecida Emílio que cordialmente indicaram participantes para o presente estudo.

Ao Professor Dr. Paulo Santana (IME-USP), pela orientação estatística do projeto de pesquisa deste estudo.

Ao estatístico Marcos Maeda, pela análise estatística.

Às Professoras Dra. Cláudia Inês Scheuer, Dra. Janete Simiema e Dra. Lídia Strauss, pelo incentivo e valorização deste trabalho.

Ao Professor Dr. Nelson Ernesto Coelho Jr. (IP-USP), por sua disponibilidade na revisão teórica concernente ao tema da temporalidade.

Ao Professor João Augusto Pompéia (PUC - São Paulo), por sua dedicação na discussão teórica e clínica, e na leitura da tese.

À Maria Inês Falcão, pela amizade e pelo exímio cuidado na revisão da redação.

À Maria Fernanda Gouveia da Silva, por sua fundamental amizade e confiança.

À Dra. Cândida Helena Pires de Camargo (Serviço de Psicologia do IPq-HCFMUSP), por possibilitar meu ingresso na vida acadêmica.

Aos colegas do Serviço de Psicologia do IPq-HCFMUSP, pelo apoio e pela amizade.

Aos amigos Cristiana Castanho Rocca, Cristine Lacet, Luciana Monteiro, Luis Paulo Marques de Souza e Niraldo de Oliveira Santos, que ingressaram comigo nessa trajetória acadêmica, agradeço por todo o

carinho.

Aos amigos Fabiana Saffi, Gustavo Giovannetti e Regina Sanchez, pelo interesse neste estudo em nossas discussões em grupo.

À Anita e ao Walter, pelo interesse e cuidado na revisão da redação.

Aos meus pais, Excelsa e Rodolpho, e aos meus irmãos, Rafael e Renato, pelo apoio e toda a confiança depositada em mim.

Ao Eduardo, meu marido, pela programação das tarefas de tempo-físico e, principalmente, por sua dedicação e por seu amor, que foram fundamentais para que eu me mantivesse neste longo percurso.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	
RESUMO	
SUMMARY	
1 INTRODUÇÃO.....	1
<b>1.2 Noção de tempo e temporalidade.....</b>	<b>3</b>
<b>1.3 O espectro autístico.....</b>	<b>16</b>
2 CASUÍSTICA E MÉTODO.....	27
<b>2.1 Instrumentos quantitativos.....</b>	<b>30</b>
<b>2.2 Instrumentos qualitativos.....</b>	<b>35</b>
<b>2.3 Análise qualitativa.....</b>	<b>36</b>
3 RESULTADOS.....	38
<b>3.1 Perfil dos desempenhos em noção de tempo.....</b>	<b>38</b>
Comentários.....	49
<b>3.2 Tabelas e gráfico.....</b>	<b>52</b>
Tabela 1: Médias e desvios-padrão.....	53
Variáveis investigadas na caracterização da noção de tempo.....	53
<b>3.3 Temas temporais – descrição.....</b>	<b>56</b>
4 DISCUSSÃO.....	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
6 CONCLUSÃO.....	113
7 ANEXOS.....	114
<b>Anexo C: Tarefa “piagetiana” de noção de idade (roteiro).....</b>	<b>121</b>
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128
1 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	133

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Médias e desvios-padrão ..... 52

TABELA 2: Níveis de correlação GA ..... 53

TABELA 3: Níveis de correlação GC ..... 53

GRÁFICO: Distribuição de interação entre desempenhos..... 54

## RESUMO

ZUKAUSKAS, P. R. **A temporalidade e a síndrome de Asperger.** São Paulo, 2003. 135 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.

A temporalidade é considerada, na perspectiva teórica deste estudo, como uma condição essencial do indivíduo no mundo, possibilitando a constituição de sentido do percebido e do vivido e evidenciando, ainda, a circunstância da qual partem todas as possíveis concepções de tempo. Além disso, o homem também é considerado em sua intencionalidade, na qual está dirigido para algo, ou seja, só pode haver mundo percebido e definido para o sujeito que pode percebê-lo, estando voltado para ele. A síndrome de Asperger (SA), um transtorno invasivo de desenvolvimento pertencente ao espectro autístico, caracteriza-se por seus portadores apresentarem um modo de interação extremamente peculiar, no qual é considerada a presença de prejuízos relacionados à simbolização, à comunicação e à socialização. Em uma vertente teórica psicossocial, esses aspectos têm sido compreendidos a partir da possibilidade de haver uma inabilidade inata na criança autista que compromete a atitude conativo-afetiva (relacionada à intencionalidade) fundamental no processo de desenvolvimento. Questões a respeito da rigidez na experiência da duração de períodos de tempo, das dificuldades para aceitação e compreensão da possibilidade de mudanças de fatos previstos e da aparente restrição de perspectiva temporal, independentemente do nível intelectual, têm sido evidenciadas na prática clínica com esta população. Dessa forma, o presente trabalho objetivou caracterizar a noção de tempo e a temporalidade em portadores da síndrome de Asperger. Sua constituição ocorreu em duas fases complementares e fundamentais. Na primeira, a partir de uma amostra de trinta indivíduos em cada grupo (grupo síndrome de Asperger e grupo de comparação) verificaram-se aspectos de noção de duração tempo através de instrumentos quantitativos e qualitativos. Na segunda fase a partir de uma amostra de quinze indivíduos em cada grupo (grupo síndrome de Asperger e grupo de comparação) investigaram-se, através de entrevista qualitativa, temas relacionados à temporalidade. Na descrição dos resultados pôde-se constatar uma temporalidade restrita evidenciada pela presença de prejuízos relacionados à continuidade no contato com o ambiente, à limitada perspectiva no sentido do devir e noção de tempo a partir de elementos espaciais, em detrimento dos aspectos subjetivos, restringindo o compartilhar do tempo comum e a formação de projetos de vida.



## SUMMARY

ZUKAUSKAS, P. R. **Temporality and Asperger syndrome.** São Paulo, 2003. 135 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.

Based on a theoretic-phenomenological perspective, temporality is defined as an essential condition of a person in view of the world. This condition is determinant to build what is perceived and experienced as well as makes evident the circumstances from which all possible conceptions of time emerge. In addition, the subject is also considered accordingly to his intentionality by which he is directed towards something. In other words, a defined and perceived world can only exist for a subject who, being directed towards it, can conceive that world through his senses and consciousness. The Asperger syndrome (AS), a pervasive developmental disorder belonging to the autistic spectrum, is characterized in individuals showing a very peculiar pattern of interaction, particularly displaying deficits of symbolization, communication and socialization. Under a psychosocial point of view, these aspects have been understood as an innate lack of affective-conative attitude impairing the development of autistic children. In clinical practice dealing with these children, professionals have been asking questions on their inflexibility in time span experience, on the difficulties in accepting and understanding changes and on the apparent restriction of the perspective in temporality independently of their intellectual levels. Temporality in Asperger syndrome was herein investigated aiming at its characterization. The study was constituted by two complementary and fundamental phases. In the first phase (N = 30 for the AS group; N = 30 for the comparison group) aspects of time notion were evaluated through quantitative and qualitative instruments. In the second phase (N = 15 for the AS group; N = 15 for the comparison group) matters related to temporality were investigated through a qualitative interview. The results have shown a restricted temporality evidenced by impairments related to the continuity of contact with the environment, by a limited perspective in the sense of becoming, and by a notion of time based on spatial elements, all in detriment of subjective aspects, thus restricting time sharing with people and elaboration of projects of life.



## **1 INTRODUÇÃO**

Este estudo abordou, através de uma discussão de base filosófica, os aspectos que envolvem a noção de tempo e a temporalidade em indivíduos portadores da síndrome de Asperger, considerada um Transtorno Global do Desenvolvimento (APA, 2002) pertencente ao espectro autístico (WING, 1981).

De modo geral, a noção de tempo corresponde à compreensão e ao modo de interação do indivíduo com o tempo compartilhado, ou seja, o tempo que é usado como referência cotidiana, de caráter objetivo e quantificável, mas também pessoal, mediante o afeto embutido na experiência de cada um. A temporalidade, por outro lado, é anterior e primordial. É condição do homem em sua relação contínua com o mundo e possibilita o sentido de suas vivências, a subjetividade e a própria noção de tempo.

O tema do tempo relacionado ao espectro autístico não foi muito explorado. No entanto, na literatura e na prática clínica, são comuns os relatos de que autistas mostram-se rígidos com horários, datas específicas e períodos. Também se mostram impacientes diante da espera. A ocorrência de alguma mudança, em uma rotina prevista, geralmente provoca muito incômodo e ansiedade. São capazes de passar horas mantendo um mesmo movimento gestual ou um mesmo tipo de interação com algum objeto. O reencontro com pessoas após um longo intervalo de tempo ocorre na mesma proporção do contato diário. Estes aspectos mostram-se em relação estreita com a questão da temporalidade. Além disso, na experiência clínica também são comuns relatos de pais e profissionais sobre autistas parecerem estar

“fora do tempo”, como se o tempo não existisse, e não apresentarem claramente perspectivas de vida.

O interesse pelo tema surgiu dessas descrições e constatações. Assim sendo, objetivou-se caracterizar a ‘noção de tempo e a temporalidade na síndrome de Asperger’ que, pela hipótese desse estudo, se evidencia de modo distinto em indivíduos autistas, em relação aos indivíduos com desenvolvimento infantil considerado normal.

O trabalho metodológico foi organizado em dois momentos e a população de autistas se restringiu aos portadores da síndrome de Asperger, por apresentarem nível de desenvolvimento que permite a aplicação de instrumentos de pesquisa. A princípio, foi investigada a noção de duração de tempo através de instrumentos quantitativos e qualitativos, uma vez que este aspecto é considerado passível de mensuração. Na segunda fase de investigação foram utilizados instrumentos menos rígidos para a descrição qualitativa de temas relacionados à temporalidade.

## 1.2 Noção de tempo e temporalidade

O homem concebe e trata o tempo de maneiras diversas, seja como uma dimensão física, uma vivência psicológica e social, um aspecto biológico e, até mesmo, através da mitologia. Essas diferentes conceituações promovem uma caminhada teórica e reflexiva bastante complexa. A primeira sensação daquele que decide abordá-lo é a de que o tempo é algo indizível e, neste momento, torna-se familiar a passagem de SANTO AGOSTINHO, quando redige Confissões no ano 397, ao perguntar "o que é, por conseguinte, o tempo?", e continua dizendo "se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicá-lo a quem me fizer a pergunta, já não sei" (2002).

Contudo, certamente poder-se-ia dizer que estão presentes em nosso cotidiano pelo menos dois modos de tempo. Há um tempo que pode ser medido e um tempo que pode ser sentido, para os quais o pensamento metafísico busca constantemente respostas precisas. Conforme já mencionado, é possível mensurá-lo tanto fisicamente, quanto em uma perspectiva biológica; nesta segunda, é tratado o tempo inerente aos seres vivos, isto é, o tempo de vida, os ciclos e os ritmos orgânicos, os hábitos diurnos e noturnos (MENNA-BARRETO, 2001). Entretanto, a subjetividade daquele que o experiencia mostra-se em confronto com essas propostas de exatidão. Mais ainda, as contradições teóricas entre as diferentes vertentes ocorrem não apenas entre a possibilidade de o tempo ser objetivo ou subjetivo, mas entre esses próprios campos científicos considerados precisos. Por exemplo, de acordo com PIETTRE (1997, p. 209), "o tempo não intervém nas equações da física (clássica, relativista, quântica) senão como uma medida pontual. Estas equações são reversíveis e permanecem as mesmas quando invertemos o signo do tempo e quando substituímos, por exemplo  $-t$  por  $+t$  (...)". Ou seja, o tempo, enquanto uma variável, presente num

determinado movimento (que neste caso poderia ser considerado no sentido do futuro) mantém suas propriedades no movimento inverso (ou seja, no sentido do passado). Essa pressuposição ignora totalmente a flecha do tempo que, na biologia, representa toda a evolução da vida de cada organismo, além de ir pela contramão das questões existenciais. Esse autor sugere que “nossa experiência de tempo subjetivo não nos isola, portanto, de um mundo pretensamente intemporal” (PIETTRE, 1997, p. 211).

Inevitavelmente, a relação entre o homem e o mundo é propícia à existência de maneiras distintas de tempo: a demarcação da história pessoal ou coletiva, a plantação e a colheita, a seqüência de eventos, a previsão e o planejamento, as fases da vida, os ritos de passagem, a morte. Sabiamente, os gregos consideram alguns desses aspectos relacionados ao tempo entre suas divindades mitológicas. ‘Aion’, o tempo da eternidade, corresponde aos deuses; porém, na gênese de todas as coisas o tempo também aparece em condição divina para restringir e impor demarcações. O mito grego traz que no princípio era o Caos, e Gaia (terra) surge como a primeira realidade concreta. Enquanto se constitui, Gaia cria Urano, com o qual tem ‘Cronos’ (tempo), entre outros muitos filhos. Cronos, devorador da vida, representa esse tempo comum, ao qual todos se reportam e vivem atrelados. Cronos passa a reinar ao impor um limite à fertilidade de seus progenitores, cortando os testículos de seu pai para que sua mãe não seja fecundada infinitamente. Esse reinado, considerado materialista, tem fim quando Zeus — o filho que Cronos não consegue devorar ao nascer, como faz com todos os outros — o destrona (BRANDÃO, 2002). É neste momento que o reino do tempo cronológico é substituído pelo reino dos olímpicos, que corresponde à espiritualidade como o solo das inter-relações e da evolução humana. Entre os olímpicos passa a existir um outro deus do tempo, ‘Kairós’. O tempo recebe, então, mais um sentido na mitologia grega, o existencial,

uma vez que Kairós representa o tempo da oportunidade e da realização humana.

FRASER (1981), ao se colocar diante de tantas possibilidades de concepção, escreve que deveria ser admitido “que a questão do tempo não é solucionável, pois o tempo é o ultimato irracional do mundo” e, “por mais que se parta de uma visão metafísica e crítica, a ‘distorção’ ocorre, pois o homem é tão imaginativo quanto racional”.

A Psicologia costuma utilizar a noção de tempo como uma das formas de discuti-lo e relacioná-lo aos modos de interação entre o indivíduo e o ambiente. Neste sentido, o tempo psicológico é considerado como a vivência subjetiva que, independentemente de sua marcação, pode estender ou comprimir o tempo-físico. Não é a existência ou não do tempo que é questionada pela Psicologia, mas como esse tempo, comum a todos, pode ser experienciado diferentemente por cada um, ao mesmo tempo em que é conhecido *a priori*.

ADES (2001), a respeito desta questão, critica os critérios de mensuração de noção de duração de tempo, que se baseiam na hipótese do processo de julgamento de tempo prospectivo e retrospectivo. Para o tempo prospectivo, os registros mnésticos e os processos atencionais reduzem o tempo subjetivo diante da informação de que uma estimativa será solicitada. Para o tempo retrospectivo, a suposição é a de que, sem aviso, o sujeito não presta atenção à passagem. Esse psicólogo propõe que o indivíduo é temporalizador do que percebe e se relaciona, e não um observador passivo. A diferença entre avisar ou não sobre a estimativa está apenas na influência da instrução, já que nas duas condições os indivíduos vivenciam a passagem e só emitem uma resposta posteriormente. O afeto envolvido na situação vivenciada e a condição emocional embasam o modo de interação das pessoas com o tempo. Nesta proposta, os aspectos cognitivos são básicos e a afetividade é o que finaliza e caracteriza a experiência da duração.

Na psicologia do desenvolvimento PIAGET (1946), em seu estudo 'A noção de tempo na criança', apresenta um trabalho sistematizado, no qual se dedica a investigar a noção de durações de tempo considerando apenas os aspectos cognitivos e a interação do sujeito com o ambiente no decorrer do desenvolvimento infantil. Para esse autor, a noção de tempo é sustentada por transformações qualitativas e sucessivas em estruturas intelectuais que propiciam um repertório de informações constantemente ordenadas e confrontadas com outras noções, também em formação, como as de deslocamento e de permanência de objetos.

O processo de desenvolvimento da noção de tempo ocorre, de acordo com PIAGET (1946, p. 15-22), através da noção de duração de tempo-físico e de tempo-vivido, uma vez que espaço e tempo são indissociáveis. A relação entre ambos é o que caracteriza fundamentalmente a noção de tempo-físico "piagetiano", na qual as percepções e conceituações de



movimento, tamanho, velocidade, sucessão e simultaneidade são articuladas mentalmente, já que são consideradas funções do pensamento. Analogamente, o tempo psicológico, que caracteriza a noção de tempo-vivido "piagetiano", corresponde às sensações, percepções e conceituações sobre o tempo e o 'eu', consideradas decorrentes da experiência e da atitude do indivíduo em sua relação com o mundo. Os aspectos que sustentam essa noção também ocorrendo na esfera intelectual, conforme propõe PIAGET (1946, p. 263-292). Assim, a noção de tempo para esse autor se caracteriza pela noção das relações espaciais, pela concepção a respeito de si mesmo e pela discriminação entre as impressões subjetivas e os dados do ambiente na experiência pessoal, sustentadas cognitivamente.

A linguagem é um outro fator que PIAGET (1999) introduz posteriormente, na qual a formação de símbolos está presente na aquisição de categorias relacionadas ao tempo. Através da experiência espaciotemporal e causal, a linguagem permite a constituição de representações espaciais e temporais, nas quais imagens simbólicas tornam possíveis tanto a evocação de objetos e acontecimentos fora do campo perceptivo, como a percepção de distância temporal.

Outros autores (FLAVELL et al., 1999), nessa mesma perspectiva, ressaltam a importância das funções semânticas na noção de tempo, as quais estão relacionadas tanto à compreensão dos termos temporais como 'antes e depois, cedo e tarde', quanto à linguagem gramatical, pelo uso de pronomes e de tempos verbais.

A psicologia do desenvolvimento, ao tratar de estruturas psicomotoras, também aborda a noção de tempo. Segundo COSTE (1981) toda adaptação corporal do indivíduo no contexto espacial, como a seqüenciação de gestos, a constituição de esquema corporal e a coordenação de atividades de vida diária, está diretamente relacionada à estruturação

temporal do indivíduo.

O tempo, na psicologia, geralmente, aparece como algo que é construído, cuja concepção propicia a interação entre sujeito e ambiente; assim como, a linguagem, em suas modalidades verbal e corporal, aparece diretamente envolvida nesta questão. No entanto, todas essas perspectivas teóricas apresentadas consideram espaço e tempo como externos ao indivíduo, como elementos do mundo apreendidos na experiência com o ambiente.

Na pesquisa empírica, o elemento central é essa idéia de tempo já dado, mensurável e tratado como fato. Porém, há a possibilidade de colocar-se mais adiante no estudo do tempo, visando uma compreensão do tempo-vivido enquanto fenômeno, não no sentido psicológico, mas considerando a temporalidade como uma condição humana. Em trabalhos como os que serão descritos a seguir, a Fenomenologia aparece como método que favorece a investigação do fenômeno humano, e neste caso da temporalidade.

HUSSERL (1990), a partir de 1912, sugere a Fenomenologia como um método científico do conhecimento que contrapõe essa dicotomia sujeito-objeto das vertentes racionalista e empirista. Esse pensador considera a 'redução fenomenológica' – *epoché*, suspensão do julgamento – o caminho para se atingir o modo pelo qual o conhecimento se revela. Isto é, a suspensão do conhecimento das ciências acerca do mundo (a tradição, as crenças, as opiniões) como a via de acesso ao conhecimento dos dados puros, sem a preocupação com o que é 'real ou irreal' uma vez que, fundamentalmente, este filósofo quer "voltar às coisas mesmas", visando uma ciência da essência do conhecimento.

HUSSERL (1990) retoma o conceito de intencionalidade de

Brentano<sup>1</sup>, do qual foi discípulo, e propõe a idéia de “consciência intencional”, ou seja, a consciência só ‘é’ ao estar dirigida para algum objeto. O conhecimento, então, só pode ser definido em sua relação com a consciência.

Assim, a Fenomenologia pode ser considerada como a possibilidade de se conhecer o fenômeno humano, para o qual não cabem as ciências da natureza. Na pesquisa fenomenológica o sujeito que é estudado é quem vivencia, é quem passa por determinada experiência. Este é o fenômeno estudado, e a busca é por sua essência, ou *eidós*. De acordo com MARTINS e BICUDO (1989, p. 77), “*tematizar e compreender eideticamente* significam tomar o fenômeno seriamente diante dos olhos e estudá-lo de maneira sistemática para poder vir a compreender o objeto na sua intenção total, na sua essência, e não apenas na sua representação”.

Nesta perspectiva, MINKOWSKI (1971) foi um dos autores no campo da psiquiatria que se preocupou com a questão do tempo. Ao focar a descrição do fenômeno psicopatológico, não considera a Fenomenologia “husserliana” em toda sua amplitude, mas caracteriza sua pesquisa fenomenológica como eidética ao elucidar o vivido. Sua inquietação parte da concepção de homem como um ser temporal, uma vez que é consciente de sua finitude. Também considera o tempo como um problema central na cultura contemporânea, na qual o progresso tecnológico visa resultados de curto prazo, em detrimento de valores pessoais e sociais. Assim, MINKOWSKI (1971) desenvolve um estudo bastante minucioso, no qual espaço e tempo são considerados como fundamentais na vida e cujo enfoque é dado à vivência destas duas esferas que, em sua visão, estão relacionadas aos transtornos mentais. No início dessa sua obra, baseia suas reflexões no trabalho de Henri Bergson, publicado na França por volta de 1927, que

---

<sup>1</sup> Franz C. Brentano (1838-1917) define a noção de intencionalidade como a característica fundamental dos atos psíquicos, que se reportam constantemente ao ambiente. Nessa proposta “aquilo que é conhecido, existe na mente do sujeito cognoscente, na forma de um objeto intencional, de um objeto para o qual ele tende ou é impulsionado pelo seu próprio dinamismo intrínseco” (MACIEL, 2001).

considera o tempo um 'massa fluida'; porém, não encontra nesta obra uma proposta que acesse o fenômeno do tempo vivido. Deste modo, propõe que o conceito e a experiência de tempo são desenvolvidos no decorrer da vida, concomitantemente ao desenvolvimento da personalidade desde a infância. As categorias temporais 'duração, continuidade, passado, presente, futuro e finitude' norteiam sua investigação, na qual a temporalidade está associada ao *élan vital*, ou seja, a uma espécie de força progressiva que orienta a vida. Assim, considera a condição humana de 'ir adiante', no sentido de construir sua individualidade e criar projetos de vida, diretamente relacionada à temporalidade. Desse modo, sugere que a condição autística na esquizofrenia (um dos quadros clínicos a que mais se dedicou) restringe essa possibilidade de temporalização, entendida como um impulso vital e criador.

JASPERS (2003, p. 71-2) em sua obra "Psicopatologia Geral" de 1946, também caracteriza sua investigação a partir da fenomenologia eidética ao se importar com o fenômeno vivido pelo paciente psiquiátrico. Neste seu trabalho descreve a vivência de tempo, considerando espaço e tempo como universais e através dos quais se dá todo contato do homem com o mundo e consigo mesmo. Ao abordar os modos de convívio com o tempo, considera: o saber do tempo (tempo objetivo e conhecido como duração), a vivência de tempo (o tempo subjetivo), o tratar do tempo (o tempo na espera, no planejamento e na história) e, ainda, o tempo biológico (o processo temporal da vida) (JASPERS, 2003, p. 103-4).

Entre essas possibilidades, se delonga a respeito do tempo subjetivo, do qual todos os outros fazem parte. De acordo com esse autor, a vivência de tempo ocorre a partir da 'consciência originária de algo permanente', como a vivência de estar dirigido para algo (vivência intencional) entre a recordação do passado e o esboço do futuro. O tempo também aparece em um dos caminhos que leva à consciência do eu através

da "identidade do eu", ou seja, a consciência de ser o mesmo em qualquer tempo, e sucessivamente (JASPERS, 2003, p. 148-54).

Esses dois autores, MINKOWSKI (1971) e JASPERS (2003), ao abordarem o fenômeno do tempo-vivido, colocam-se mais próximos da temporalidade, considerando o homem como um ser temporal, no sentido de ser voltado para o mundo em uma relação contínua com o percebido e o vivido.

Nessa breve trajetória que conduz à temporalidade, parte da obra do pensador MERLEAU-PONTY (1990a; 1999) contribui muito neste sentido e propicia o desfecho teórico do presente estudo. Este fenomenólogo, que também parte da consciência intencional de HUSSERL (1990), tem como tema central de suas reflexões a inserção do homem no mundo através da relação da consciência com a natureza. MERLEAU-PONTY (1990a) respeita as estruturas físicas, biológicas e psíquicas que compõem essa interação, mas não pretende explicá-la através de relações causais. Em sua obra, o homem é considerado em um "todo significativo" (o mundo), que deve ser fenomenologicamente descrito.

MERLEAU-PONTY (1990a, p. 42), a partir da idéia de consciência intencional, propõe a 'consciência perceptiva', ou seja, consciência que é atrelada a um corpo (corpo vivido) em constante interação com o ambiente – considerado aqui de modo amplo, e não apenas no sentido do espaço físico. Nesse corpo vivido ocorre a relação direta do sujeito com o mundo, constituindo sua existência. O corpo é, então, o campo perceptivo que assume perspectivas e o mundo é o todo percebido que impõe sua evidência. Essencialmente, a percepção "merleau-pontiana" é pré-reflexiva, anterior ao eu, sendo o terreno no qual se dá o contato com o mundo. A percepção é essa experiência mundana na qual o homem se instaura. Também não é considerada como um ato intelectual, uma vez que um objeto percebido é real

e se apresenta em diversas perspectivas, não sendo um conceito representado. A possibilidade de tocar uma face oculta de um objeto não ocorre por representação, mas por percepção. Assim, o *cogito* “merleau-pontiano” tem sua fonte na percepção e não substitui o mundo pela significação do mundo. Portanto, o existir ocorre antes do pensar.

O filósofo, no início de sua obra, em sua tese “Fenomenologia da Percepção” (MERLEAU-PONTY, 1999) reporta-se a essas proposições e caminha no sentido da intersubjetividade, fazendo sua análise<sup>2</sup> sobre o tempo nessa trajetória. Para esse autor, o reducionismo científico leva tanto a uma estrutura de tempo independentemente de perspectivas, como a uma estrutura de tempo subjetiva, sendo que o tempo deveria ser, de fato, considerado como uma dimensão essencial da condição humana.

Em sua visão, a noção de tempo também corresponde a esse tempo comum a todos, compartilhado como um processo real. Entretanto, pode ser comparada à imagem de um rio e seu observador que, ao estar à sua margem, pode ver — no ‘presente’ — a correnteza a qual, vinda do ‘passado’, está em direção ao ‘futuro’. Porém, se esse mesmo observador estivesse navegando no rio, a paisagem é que passaria a ter esse curso no tempo. Desse modo, no mundo objetivo só há acontecimentos e só há mudança porque há um observador finito em sua individualidade. Assim, o mundo objetivo não pode expressar o tempo, justamente por tê-lo presente em excesso.

MERLEAU-PONTY observa que

... o tempo não é um processo real, uma sucessão efetiva que eu me limitaria a registrar. Ele nasce de *minha* relação com as coisas. Nas próprias coisas, o porvir e o passado estão em uma espécie de preexistência e de sobrevivência eternas; a água que passará amanhã *está* neste momento em sua nascente, a água que acaba de passar *está* agora um pouco mais

---

<sup>2</sup> Merleau-Ponty, ao se dedicar à idéia da temporalidade em sua tese “Fenomenologia da Percepção” (1945), também se embasa na obra ‘Ser e Tempo’, de 1926, de Martin Heidegger.

embaixo, no vale. Aquilo que para mim é passado ou futuro está presente no mundo. Frequentemente se diz que, nas próprias coisas, o porvir ainda não é, o passado não é mais, e o presente, rigorosamente, é apenas um limite, de forma que o tempo desmorona (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 551-2).

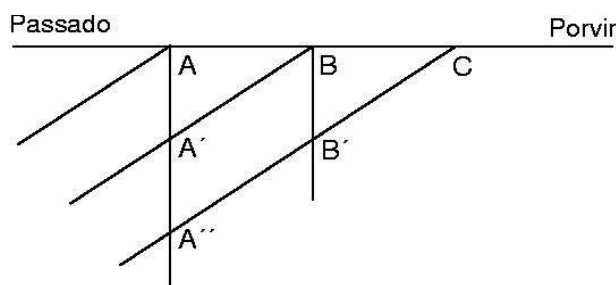
Desse modo, se o mundo objetivo for considerado em si mesmo, serão encontrados apenas "agoras". Por outro lado, propor o tempo como subjetivo e explicá-lo através das recordações e projeções é apenas transpor para uma condição na qual ele também fica restrito a uma sucessão de "agoras". A percepção, registrada por processos fisiológicos ou psíquicos, será uma nova percepção no presente. Se indícios de um acontecimento anterior me remetem a um passado, é porque tenho o "sentido do passado, é porque trago em mim essa significação" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 553). Do mesmo modo que, para "pro-jetar o porvir diante de nós, primeiramente é preciso que tenhamos o sentido do porvir" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 554).

Esse filósofo não despreza a noção de tempo constituída em 'antes' e 'depois', mas a considera como o registro final da passagem apreendida. Questiona se não há um tempo verdadeiro que a contenha e que não seja apenas conhecimento, mas uma dimensão do ser. Desse modo, partindo do tempo em si mesmo, atinge a idéia de temporalidade como uma dimensão do ser e um atributo da existência.

Para se entender o tempo na acepção da temporalidade é necessário entender a experiência do sujeito e as dimensões 'passado, presente e futuro' caracterizadas pelo sentido temporal, e não somente na condição de conceito. O contato com o tempo ocorre no 'campo da presença', ou seja, no âmbito do sujeito em sua relação com o mundo, no qual há o horizonte do que passou e do que está por vir.

Em sua análise, MERLEAU-PONTY (1999, p. 559) cita o diagrama "husserliano" que descreve o tempo como uma rede de

intencionalidades envolvidas em uma troca, não linear, de retenções. A cada novo momento experienciado, o que o precedeu é modificado porque ainda está ali, presente, em mãos; e é possível alcançá-lo. O passado só pode ser passado se algo mudou, e se projeta sobre o presente.



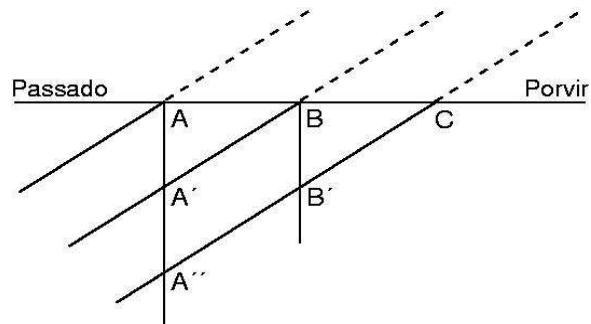
Assim sendo, neste diagrama a linha horizontal corresponde à série de "agoras", as linhas oblíquas correspondem às retenções dos mesmos "agoras" a partir de um "agora" anterior, e as linhas verticais, às retenções sucessivas de um mesmo "agora". Há um único fenômeno em escoamento. A, B e C são "agoras" e na passagem de um para outro há projeções em A' e A'' e assim por diante. A cada momento o sistema de retenções recolhe em si o que era no sistema de protensões. Em sua leitura a respeito do diagrama "husserliano", é possível reconhecer A em A' pela transparência que é dada em sua individualidade que foi afirmada no presente. O sentido de tempo não corresponde à ordenação intelectualizada dos acontecimentos, mas sim à 'intencionalidade operante', que permite que o presente deslize em direção ao futuro e ao passado.

Essas três dimensões não nos são dadas por atos discretos: eu não represento minha jornada, ela pesa sobre mim com todo o seu peso, ela ainda está ali, não evoco nenhum de seus detalhes, mas tenho o poder próximo de fazê-lo, eu a tenho ainda em mãos (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 557).

Ou seja, sem esta possibilidade seria preciso recordar o



passado a cada instante para confirmar sua existência. Portanto, compreende o diagrama como um só movimento no qual o tempo se move, entendido como protensões e não como retenções.



O surgimento de um presente novo não *provoca* uma compressão do passado e um despertar do futuro, mas o novo presente é a passagem de um futuro ao presente e do antigo presente ao passado, é com um só movimento que, de um extremo ao outro, o tempo se põe a mover. Os "instantes" A, B, C não são sucessivamente, eles *se diferenciam* uns dos outros e, correlativamente, A passa para A' e dali para A''. Enfim o sistema as retenções, a cada instante, recolhe em si mesmo aquilo que, um instante antes, era o sistema das protensões (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 561-2).

Os instantes passam a ser aspectos das dissoluções, portanto, de B em B' e A' em A''; assim, desintegrados, são atrelados por uma 'síntese de transição' (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 567), da qual partem os horizontes temporais. Essa síntese, operada pela subjetividade, compõe o percebido e permite seu sentido, ou seja, torna possível que o mundo seja percebido de modo integrado. A base da síntese de transição é a sedimentação, isto é, "a contração de uma constelação de momentos em um sentido único" (BONOMI, 2001).

MERLEAU-PONTY (1999, p. 563-4) sugere que no horizonte temporal 'ser' e 'passar' podem ser considerados como sinônimos, uma vez que um acontecimento passa, mas não deixa de ser ao se tornar passado. Assim, o presente transcende o futuro e o passado, e o tempo confirma a si mesmo. A temporalidade originária é a potência que,

simultaneamente, permite que os acontecimentos sejam atrelados e os mantêm distanciados uns dos outros. Desse modo, o passado e o futuro existem porque a subjetividade cria uma perspectiva em direção a eles. A síntese temporal cria um sentido, caso contrário, encontraríamos "agoras" a todos os instantes, como já mencionado. As dimensões temporais se confirmam entre si continuamente, em um único dinamismo e, para esse pensador, é essa a condição da subjetividade.

Os acontecimentos não são simultâneos por eles mesmos, mas a partir da experiência de tempo. Esse sentido é representado até mesmo pelo senso comum do tempo, quando o homem delimita os períodos de sua vida e os significa. Falar em temporalidade neste referencial é, inclusive, evidenciar a circunstância essencial da qual partem todas as possíveis concepções de tempo.

Assim, a condição temporal se dá pelo campo da presença, ou seja, pelo fato do sujeito estar situado em sua relação com o mundo. Só há tempo para o sujeito porque ele está engajado, situado aí. Só há informação, idéia, certeza do pensamento e generalização se o sujeito estiver num tempo e numa história. O sentido (direção) dos acontecimentos para o sujeito, o sentido da vida só pode ser sentido (e ter sentido) a partir da temporalidade.

Nesta perspectiva fenomenológica, este estudo apreciou seus resultados considerando a temporalidade como essa condição que possibilita ao ser humano a dimensão e o sentido do si mesmo, do mundo e de suas vivências, estando a cargo da noção de tempo as manobras das experiências mais cotidianas.

### 1.3 O espectro autístico

Originalmente, o termo autismo — *autismus* — foi criado por BLEULER (1967), na Suíça, em 1913, para indicar um sintoma psicopatológico em quadros de esquizofrenia em adultos. A característica fundamental desse sintoma corresponde a um estado de 'ensimesmamento', com perda parcial ou total de contato com a realidade compartilhada. Neste sentido a pessoa permanece 'voltada para si mesma' e 'distanciada' da interação com os outros e o mundo.

Esse termo "bleuleriano" foi utilizado por dois psiquiatras suíços, na mesma época e em contextos isolados, ao relatarem casos de crianças com sintomas que se assemelhavam a esta definição. O primeiro foi Leo Kanner, em 1943, ao descrever o 'Distúrbio Autístico do Contato Afetivo', ou 'Autismo Infantil', como chamou mais tarde. Em segundo, Hans Asperger, em 1944, ao descrever a 'Psicopatia Autística', que atualmente é conhecida como 'Síndrome de Asperger' (WING, 1999, p. 1-10). Essa informação histórica e terminológica não é novidade para quem estuda o autismo na infância; porém, as inúmeras divergências a seu respeito tornam necessário, algumas vezes, o retorno à sua descrição inicial.

KANNER (1948) publica seu primeiro trabalho sobre o 'Autismo Infantil', nos Estados Unidos da América, apresentando o material que havia acumulado desde 1938, descrevendo um total de 11 crianças que apresentavam, em diferentes níveis de comprometimento, grave isolamento, falta de contato afetivo, ausência de intenção de comunicação, alterações de linguagem como mutismo, ecolalia e compreensão literal da fala e excepcional capacidade de memorização.

Tais crianças não correspondiam aos quadros

psicopatológicos existentes na Psiquiatria Infantil daquela época e, portanto, esse autor decide registrar e investigar a nova condição com a qual se deparava. De acordo com HOBSON (1989, p. 23), Leo Kanner fundamenta suas observações nas teorias psicológicas do desenvolvimento social e sugere que a criança autista carece de componentes constitucionais de ação e reação necessários para o desenvolvimento das inter-relações; ou seja, o bebê autista apresenta uma inabilidade inata para o contato afetivo. Considera as inter-relações como fundamentais para a constituição de um mundo pessoal e de um mundo compartilhado; portanto, essa falta de experiência social intersubjetiva resulta tanto em uma falha de reconhecimento da condição humana, através de sentimentos, desejos e intenções, como em um prejuízo grave na capacidade de abstrair e pensar simbolicamente. As características cognitivas e de linguagem são consideradas, em sua visão, em relação íntima com o desenvolvimento afetivo e social, assim como os prejuízos na capacidade de simbolização.

Por sua vez, em Viena, ASPERGER (1999) relata casos de crianças que apresentavam características como alteração no contato interpessoal, variação intelectual, interesse por objetos ou assuntos bem específicos e perseverança na fala e nos gestos. Também se referiu à diversidade de manifestação e aos diferentes graus de prejuízos que poderiam ser apresentados, além de considerar esse quadro clínico como uma disfunção de personalidade. Os registros desse autor apenas tornaram-se conhecidos e acessíveis mundialmente nos últimos anos.

WING (1999, p. 93-121) em um trabalho minucioso confronta as descrições desses dois autores e faz um levantamento das características comuns encontradas, entre as quais estão: maior incidência em indivíduos do sexo masculino; isolamento social e falta de interesse pelo outro; linguagem não pragmática; uso de pronome em terceira pessoa;

entonação de voz peculiar (pedante, monótona ou cantada); dificuldades na leitura; prejuízo de comunicação não-verbal; evitação do contato visual (olho no olho); gestual peculiar; modo de andar desajeitado; dificuldades para efetuar jogo simbólico; padrões repetitivos de atividades; hipersensibilidade a barulho; interesse por alimentos de sabor forte; fascinação por objetos giratórios; problemas de inquietação; agressividade; negativismo com pessoas e objetos; habilidades especiais para números e boa memória.

São numerosas as semelhanças entre a descrição de KANNER (1948) e a de ASPERGER (1999), todavia algumas distinções são destacadas pela abordagem cognitiva, que atualmente é uma tendência entre os pesquisadores. Nesta perspectiva, enfatiza-se uma diferença específica entre perfis de desempenho cognitivo, ou seja, a criança diagnosticada como 'autista' apresenta maior dificuldade para habilidades verbais, enquanto que a diagnosticada como 'Asperger' apresenta maior dificuldade em habilidades executivas (OZONOFF et al., 1991a). Essa diferença também é sugerida pelo Manual de diagnóstico diferencial do DSM-IV (FIRST et al., 2000).

De qualquer modo, nas últimas décadas, esses trabalhos de Leo Kanner e Hans Asperger passam a compor o cenário das reformulações conceituais e técnicas a respeito do autismo infantil. As várias características comuns entre as duas descrições constituem uma tríade de déficits simultâneos nos âmbitos 'social, comunicacional e simbólico, com conseqüentes comportamentos repetitivos e estereotipados' (WING, 1981), que se manifestam em quadros clínicos dos mais graves aos mais tênues e, assim, constituem um *continuum* autístico. Portanto, esse espectro reúne a condição autística em todos os seus níveis de manifestação, incluindo a síndrome de Asperger, cujos portadores apresentam alto nível de funcionamento (relacionado ao grau de desenvolvimento).

Segundo os manuais diagnóstico CID-10 (OMS, 1993) e

DSM-IV-TR (APA, 2002), o espectro autístico está classificado entre os transtornos do desenvolvimento infantil. Atualmente, também se afirma que a manifestação dos sintomas é anterior aos três anos de idade e a proporção é maior em indivíduos do sexo masculino, em 3:1 ou 4:1 (WING; GOULD, 1979). Os dados epidemiológicos, por sua vez, vêm apresentando um aumento acentuado quanto à incidência populacional. As pesquisas iniciais, na década de 60, estimaram de quatro a cinco pessoas entre 10.000; 20 anos mais tarde os índices registraram uma pessoa em 1.000 (BRYSON, 1997). Em pesquisa mais recente os números mostram-se na proporção de seis pessoas em 1.000 (WING; POTTER, 2002). Contudo, este aumento tem sido questionado, uma vez que se ampliaram os recursos conceituais diagnósticos, incluindo a própria definição de *continuum*.

Há uma série de características comumente apontadas em relação à tríade de déficits — comunicação, socialização e simbolização. Quanto à comunicação, observa-se tanto a presença de mutismo, como ecolalia, inversão pronominal, uso incoerente de linguagem verbal com o emprego de termos perseverativos, estereotipados, ou fora de contexto e prejuízos pragmáticos (TAGER-FLUSBERG, 1981). A presença da linguagem verbal é comum nos indivíduos com síndrome de Asperger, porém permeada pelas características indicadas. Há também déficits relacionados aos aspectos semânticos, os quais podem interferir na compreensão de significados das informações adquiridas e na formação de conceitos (TAGER-FLUSBERG, 1997). A escrita e a leitura — que também são formas de representações semânticas e de significados apresentados visualmente — podem ser mais funcionais do que a fala, e em alguns casos servirem como via de interação, surgindo espontaneamente por volta dos quatro ou cinco anos (CROMER, 1981). Os prejuízos de linguagem não-verbal revelam-se tanto pelo contato rígido com o outro, com os objetos e os acontecimentos, como pelos

movimentos descompassados nos gestos e na postura corporal.

Nos casos mais graves, a dificuldade nas inter-relações — ou socialização — se caracteriza pelo 'ensimesmamento', evitação de contato físico, evitação de olhar, isolamento e esquivas em situações sociais, seja no ambiente familiar ou em um contexto mais amplo. Na condição autística mais 'branda', o contato interpessoal geralmente é sentido pelo outro como superficial, situacional e sem continuidade, pela extrema dificuldade do autista em expressar emoção, sentimento, significado e sentido em relação a si mesmo e ao mundo (VOLKMAR et al., 1997). Adolescentes e adultos autistas tendem a imitar formas de interação, mas tais estratégias compensatórias podem fracassar, muitas vezes, justamente por não serem autênticas e nem sempre estarem coerentes com o contexto (SIGMAN et al., 1989).

Os prejuízos simbólicos caracterizam-se por dificuldades na capacidade de abstração, ausência de jogo simbólico e inabilidade na compreensão e representação de conceitos e estados mentais próprios e dos outros. Neste sentido, há um amplo número de pesquisadores concentrando esforços no que definem como 'déficits de teoria da Mente', ou seja, os indivíduos pertencentes ao espectro autístico apresentam prejuízos de compreensão de crenças, desejos, intenções e emoções complexas (BARON-COHEN et al., 1985), vinculados à causalidade psicológica e falta de exploração imaginativa (BARON-COHEN, 1997). Em um estudo que verificou mecanismos relacionados à teoria da Mente em autistas, os resultados indicaram a presença de capacidade para estabelecimento de representações análogas, mas não para a compreensão do pensamento de uma pessoa em relação a uma outra (LESLIE; ROTH, 1997).

Como esse tem sido foco de muitas investigações, alguns pesquisadores propõem que os sintomas crônicos do autismo representam

alterações no Sistema Nervoso Central e indicam diferenças estreitas entre portadores de autismo e indivíduos normais, como aumento de serotonina no sangue, alterações neuroendócrinas e no funcionamento do hipotálamo (ANDERSON; HOSHINO, 1997). Outros apontam possíveis alterações neuroanatômicas por aumento nas regiões corticais dos lobos parietal, temporal e occipital, a partir de algumas evidências (MINSHEW et al., 1997). Além disso, há hipóteses genéticas e associações com anomalias congênitas, que também não representam a maioria dos casos (RUTTER et al., 1997).

Nas últimas décadas, a vertente teórica cognitiva também se voltou para uma questão bastante pertinente, na qual o modo de apreensão do ambiente, apresentado por autistas, parece estruturado de modo pontual e, portanto, com perdas globais, contextuais e de sentido abstrato. Essas investigações caracterizam-se pela busca de perfis de processamento de informação, e uma das propostas converge para a possibilidade de haver uma associação entre déficits relacionados à teoria da Mente, às funções executivas e à coerência central (BARA et al., 2001).

Assim sendo, a hipótese de teoria da Mente, conforme já mencionado, apóia-se na possibilidade de uma pessoa inferir estados mentais como crenças, desejos, intenções, emoções e conceitos, de outras pessoas — teoria da Mente de primeira ordem — e elaborar e atribuir estados mentais de uma pessoa a respeito de outra — teoria da Mente de segunda ordem. Desse modo, para a vertente cognitiva, na criança autista esta capacidade aparece originalmente prejudicada, uma vez que a mesma não faz jogo simbólico. Alguns autores indicam correlações entre estas habilidades e o QI verbal em autistas, além de observarem, em sujeitos de alto funcionamento, déficits específicos correspondentes à teoria da Mente de segunda ordem. Correlações entre provas de teoria da Mente e provas de seriação também são constatadas (HAPPÉ, 1995; SPARROVOHN; HOWIE, 1995). Concomitantemente, os déficits



nas funções executivas para habilidades como flexibilidade mental, atenção dirigida, planejamento e raciocínio estratégico, correspondentes a alterações do lobo frontal (OZONOFF et al., 1991b), também têm papel fundamental na perda global do processamento de informações.

Por fim, a coerência central, considerada um mecanismo cognitivo que propicia a integração contextual de elementos, mostra-se deficitário no autista, e acarreta uma apreensão local das informações voltada para as partes ou detalhes (FRITH, 1994). Assim, nesta pressuposição, os déficits relacionados a esses três mecanismos integrados constituem o terreno cognitivo no qual o sujeito autista adquire conhecimento e estabelece interação com objetos e pessoas.

Em contrapartida à teoria cognitiva, HOBSON (1990), autor que se dedica a estudar o espectro autístico em uma perspectiva psicológica psicossocial, concorda que existem realmente muitos prejuízos no autismo, sejam de ordem cognitiva, social e comunicacional. Porém, amplia a compreensão a seu respeito indo além dos limites da cognição, uma vez que sugere o quadro autístico ter base de manifestação na esfera das inter-relações.

HOBSON (1989, p. 22-4) recorre às primeiras descrições a respeito do autismo infantil nos escritos Leo Kanner e se apóia na possibilidade de faltarem à criança autista fatores constitucionais para o desenvolvimento de reciprocidade afetiva, os quais são primordiais na formação de um 'mundo próprio' e de um 'mundo comum'. Neste sentido, há uma ausência da experiência intersubjetiva e prejuízos graves na capacidade simbólica nesses indivíduos do espectro autístico.

O trabalho de MERLEAU-PONTY (1990b) também contribui, para as reflexões de HOBSON (1989, p. 25-7) ao considerar o afeto como fundamental na relação com o outro, no decorrer da infância para o

desenvolvimento do indivíduo. O filósofo sustenta a presença da afetividade na percepção dos outros e do mundo, no sentido do contato pessoal e não de uma compreensão cognitiva. De acordo com HOBSON (1997), todo indivíduo deve ter recursos que possibilitem perceber o outro, responder afetivamente à linguagem não-verbal e desenvolver a intersubjetividade. Esses recursos se fundamentam em uma condição conativo-afetiva de base biológica, na qual está manifestada a intencionalidade do bebê em direção ao ambiente. Aqui, o autor considera a idéia de intencionalidade, originada no conceito de Brentano, como o atributo crucial que constitui as inter-relações e a construção do mundo pelo indivíduo. Desse modo, tanto a natureza do percebido, como essa condição intencional, são determinantes da possibilidade de inter-relação e dos processos de abstração e simbolização. Os sinais emocionais expressos e responsivos ao ambiente regulam e são regulados na interação com as pessoas e os objetos. A coordenação do afeto ocorre tanto pela confirmação como pela receptividade encontrada no ambiente, sendo o contato com o cuidador o intermédio para o contato com o mundo. Assim, é na inter-relação que a criança estabelece interação e constitui seus modos próprios de demonstrar seu afeto, sentimento e atitudes.

Considerando as características do espectro autístico, em sua perspectiva teórica, HOBSON (1989, p. 42-3) levanta a hipótese de haver no bebê autista uma falha nessa condição intencional, ou seja, na coordenação da atitude e da experiência sensório-motora-afetiva (ou conativa-afetiva). Sua proposta se traduz por: presença de defasagem de expressão da linguagem não-verbal; leitura peculiar a respeito da subjetividade própria e do outro; falhas de abstração e de generalização reveladas nas atitudes, na apresentação de conceitos, no estabelecimento de semelhanças; e, principalmente, por muitos desses aspectos independermos do nível intelectual e serem a essência do 'modo autístico' de ser e estar no

mundo.

A proposta desse último autor traz questões que contemplam com mais êxito a investigação desse estudo, ao valorizar a interação entre o sujeito e o ambiente na constituição de ambos e ao considerar a idéia de intencionalidade no processo de desenvolvimento.

A questão do tempo e o autismo, especificamente, apesar de pouco explorada, esbarra em algumas descrições clínicas e sugestivas. Algumas se referem à dificuldade dessa população no enfrentamento e aceitação de mudanças, sejam ocasionais ou permanentes, desde que alterem a rotina conhecida. Outras ao costume em manter atividades em um mesmo padrão de execução, e estranhamento quando algo 'foge à regra', sendo comum sentirem-se ansiosos frente a essa variação, e até reagirem agressivamente (JORDAN; POWELL, 2000; TANTAN, 2000). Já em um outro desses relatos clínicos (SANTOS, 1998), a questão do tempo aparece diretamente e relacionada à comunicação. Neste caso, a ausência de linguagem verbal e não-verbal no contato com o ambiente pareceu manter o indivíduo autista "em uma era sem tempo", de acordo com a descrição da autora.

Além disso, na prática clínica, pais de autistas demonstram interesse por esse tema, não em virtude da rigidez apresentada por seus filhos, mas pela própria sensação de que o tempo, para eles, não parece passar, ou até mesmo existir. A preocupação nesse sentido é ainda maior, quando se tratam de autistas na faixa etária que corresponde à 'adolescência'. Apesar de fisicamente grandes e com um discurso adulto (estereotipado), descrevem o futuro como "algo mágico" e incoerente com suas próprias dificuldades, e não demonstram preocupação com as direções que irão tomar na vida.

A proposta deste estudo surge a partir destas questões

que se mostram em relação direta e indireta com a condição temporal desses indivíduos. Assim sendo, objetivou-se caracterizar a temporalidade e a noção de tempo na síndrome de Asperger.

## 2 CASUÍSTICA E MÉTODO

O método deste estudo caracterizou-se por duas fases complementares, sendo que a fase inicial verificou a noção de duração de tempo através de instrumentos quantitativos e qualitativos, enquanto que a segunda fase utilizou exclusivamente instrumentos qualitativos para verificar a experiência de aspectos temporais no sentido da temporalidade.

### **- Fase inicial:**

Nessa fase de investigação, os dados foram coletados entre abril de 2000 e junho de 2001 em dois grupos, sendo um grupo formado pelos indivíduos com síndrome de Asperger, que foi denominado pelo estudo como *grupo síndrome de Asperger*, e um segundo grupo denominado *grupo de comparação*.

O grupo síndrome de Asperger (GA) incluiu, portanto, um total de 30 indivíduos com síndrome de Asperger de ambos os sexos, dos quais todos estavam matriculados em instituições assistenciais especializadas ou em escolas regulares, e preenchiam os seguintes critérios de inclusão:

- 1 - idade cronológica entre 12 anos e 18 anos e 11 meses;
- 2 - diagnóstico médico de síndrome de Asperger segundo os critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - IV (APA, 1995);
- 3 - ausência de outras condições mórbidas psiquiátricas;
- 4 - ausência de deficiências físicas ou sensoriais;
- 5 - nível de desenvolvimento adaptativo maior ou igual a setenta ( $\geq 70$ ), segundo a Escala de Comportamento Adaptativo de Vineland (SPARROW et al., 1984).

A inserção desse último item (número 5) foi essencial para que a amostra fosse composta do modo menos heterogêneo possível quanto ao nível de desenvolvimento de cada indivíduo, pois apesar de todos apresentarem diagnóstico de síndrome de Asperger, poderia haver diferenças qualitativas de desenvolvimento adaptativo entre os sujeitos. A escala de Comportamento Adaptativo de Vineland foi utilizada na forma 'Survey Form', aplicada em entrevista com os pais dos participantes, de acordo com as normas de administração. A integração do indivíduo no ambiente foi, então, avaliada a partir de seu desenvolvimento neuropsicomotor desde o nascimento, nas categorias auto-auxílio, funcionalidade, ocupação, comunicação, locomoção e socialização.

O grupo de comparação (GC) foi um recurso metodológico fundamental ao criar um parâmetro diferencial com o grupo síndrome de Asperger e, portanto, contribuir para a leitura dos resultados. O grupo de comparação também foi composto por 30 participantes, pareados segundo os seguintes critérios:

- 1 - idade cronológica entre 12 anos e 18 anos e 11 meses;
- 2 - regularmente matriculados no ensino fundamental e médio em série correspondente à idade cronológica;
- 3 - ausência de morbidades psiquiátricas no momento da avaliação;
- 4 - ausência de deficiências físicas, mentais ou sensoriais, no momento da avaliação.

**- Segunda fase:**

A segunda fase da coleta de dados foi realizada durante o ano de 2002. Como os instrumentos apresentavam caráter de investigação qualitativa, definiu-se uma amostra de 15 participantes por grupo a partir dos 60 integrantes iniciais.

No grupo síndrome de Asperger foram incluídos os indivíduos que haviam apresentado pontuação maior ou igual a 90 na Escala Vineland aplicada inicialmente. Esse critério foi definido para que os participantes fossem iguados quanto ao nível de desenvolvimento, além de manter a amostra total uniforme quanto ao nível intelectual. Os integrantes do grupo de comparação, por sua vez, foram pareados de acordo com a idade (em número de anos) correspondente a cada um dos quinze indivíduos do 'grupo síndrome de Asperger'.

Como a aplicação de todos os instrumentos se delongou em um total de dois anos e oito meses, os participantes ficaram mais velhos e a faixa etária da amostra no final do estudo passou a ser entre 13 anos e 21 anos e 11 meses. O intervalo entre a idade menor e a idade maior também aumentou em função de alguns indivíduos de 12 anos terem sido avaliados no final da primeira fase e no início da segunda, e alguns de 18 anos terem sido avaliados no início da primeira fase e no final da segunda. Porém, essas diferenças foram consideradas irrelevantes, uma vez que houve a possibilidade de parear os dois grupos uniformemente.

Conforme já mencionado, inicialmente foi avaliada a 'noção de duração de tempo', visando informações plausíveis a este respeito, que não se mostravam na literatura. Tratando-se de dados mensuráveis, decidiu-se pelo uso de instrumentos objetivos de medição e pela análise estatística para criação de parâmetros de discussão. Esses resultados, ao caracterizarem a 'noção de tempo' na população autística desse estudo, criaram um esboço dos aspectos relacionados à temporalidade. Com a introdução de instrumentos qualitativos e, portanto, menos rígidos, pôde-se, então, ter acesso a suas implicações no modo de vida desses indivíduos. Este estudo entende o método qualitativo de pesquisa como essencial na compreensão e esclarecimento do sentido e significado de determinado fenômeno. Desta forma, sua utilização foi crucial, principalmente por tratar de um tema tão complexo.

## **2.1 Instrumentos quantitativos**

Todos os 60 indivíduos participantes foram avaliados com os mesmos instrumentos descritos abaixo, em sessões individuais que somaram um total de três horas para cada participante.

### ***Provas psicológicas***

A caracterização de habilidades cognitivas específicas em cada amostra foi efetuada com a administração de subtestes das escalas Wechsler Intelligence – Revised (SPREEN; STRAUSS, 1991).

O subteste Dígitos propiciou a verificação do desempenho de memória auditiva imediata e manutenção da amplitude atencional, sendo a atenção considerada como uma função cognitiva básica (LURIA, 1981). Já o subteste Vocabulário foi utilizado para verificar capacidade de aprendizagem, retenção de informações, pensamento abstrato, nível de educação e qualidade



de linguagem verbal. Por sua vez, o subteste Cubos examinou percepção, análise e síntese de figuras abstratas, praxia viso-construtiva para planejamento lógico e raciocínio abstrato relacionado às relações espaciais (CUNHA et al., 2000).

### ***Provas de Ritmo***

As provas de ritmo de Mira Stambak (ANEXO A) foram utilizadas por propiciarem dados referentes às habilidades perceptivo-motoras para repetição de estruturas rítmicas, envolvendo estruturação temporal sensório-motora (ZAZZO, 1981).

Descrição: dois lápis, mesa, cronômetro, folha de respostas. A execução da prova foi dividida em três itens:

1- Tempo Espontâneo: através de batidas com a parte inferior do lápis sobre a mesa por 21 vezes, verifica-se sucessão e velocidade de movimentos ritmados espontâneos.

2- Reprodução de Estruturas Rítmicas: através de batidas variadas do lápis sobre a mesa, a partir de um modelo sonoro, avalia-se a apreensão imediata e a estruturação de seqüências sucessivas.

3- Compreensão do Simbolismo: através de batidas do lápis sobre a mesa, a partir de um modelo visual, verifica-se o entendimento simbólico da estrutura rítmica, sem ou com explicação do signo.

A cada seqüência correta dos itens 2 e 3 foi atribuído um ponto. O item 1 foi avaliado qualitativamente.

### ***Tarefas "piagetianas" de duração de tempo***

#### Duração em tempo-físico

Este estudo reproduziu em linguagem computacional a tarefa 'Corrida de Bonecos', que foi um dos experimentos elaborados por PIAGET (1946, p. 95-222) ao verificar conceitos espaciotemporais como simultaneidade (Si), sucessão (Su) e velocidade (V) em seu estudo sobre a noção de tempo da criança. Dessa forma, 12 corridas, compostas por dois 'bonecos' distintos (Número I e Número II), foram apresentadas. Ambos percorriam trajetórias variadas, sempre em movimentos contínuos de velocidades iguais ou diferentes, em arrancadas sucessivas, simultâneas ou alternadas, com pontos de partida idênticos ou não. Após a apresentação de cada prova, efetuou-se um inquérito para verificação desses conceitos. A cada resposta correta foi atribuído um ponto (ANEXO B).

#### Duração em tempo-vivido

PIAGET (1946, p. 223-92) também elaborou tarefas que verificam conceitos presentes na compreensão de tempo-vivido que propõe em seu estudo. No protocolo desta pesquisa, essas tarefas foram reproduzidas com mínimas adaptações no que diz respeito ao material utilizado. O objetivo foi verificar flexibilidade mental e raciocínio abstrato para tempo cronológico (tarefa: Noção de Idade) e apreensão de duração de tempo, independentemente da ação do indivíduo (tarefa: Tempo de Ação Individual).

##### 1- Noção de Idade (ANEXO C)

A tarefa de Noção de Idade constituiu-se de 22 questões sobre as diferenças de idade entre pessoas e a percepção de permanência, independentemente das relações espaciais. Para cada resposta correta foi

atribuído um ponto.

## 2- Tempo de Ação Individual (ANEXO D)

As tarefas de tempo de ação individual foram divididas em duas modalidades nas quais foi enfocada a capacidade de percepção das durações de tempo cronometrado em cada par de tarefas.

- Modalidade 1: reprodução de desenhos de círculos em ritmo lento e depois em ritmo rápido em três etapas. Na primeira marcaram-se durações iguais nas duas reproduções (15 segundos); na segunda etapa marcou-se uma duração maior (25 segundos) na reprodução em ritmo lento e uma duração menor (15 segundos) em ritmo rápido; na terceira etapa marcou-se uma duração menor (15 segundos) na reprodução em ritmo lento e uma duração maior (25 segundos) em ritmo rápido.
- Modalidade 2: manuseio de objetos de ferro (mais dificuldade) e isopor (menos dificuldade) em três etapas. Na primeira etapa marcaram-se durações iguais no manuseio dos dois objetos (15 segundos); na segunda etapa marcou-se uma duração maior (25 segundos) para os objetos de ferro e uma duração menor (15 segundos) para os objetos de isopor; na terceira etapa marcou-se uma duração menor (15 segundos) para os objetos de ferro e uma duração maior (25 segundos) para os objetos de isopor.

Ambas enfocaram a percepção das diferenças nas durações marcadas. Após cada etapa foi aplicado um inquérito para verificação da compreensão das durações de tempo. Cada resposta correta recebeu um ponto.

### ***Procedimentos estatísticos***

Os resultados dos instrumentos acima foram analisados separadamente, em ambos os grupos, e comparados posteriormente. Em virtude dos experimentos “piagetianos” serem adaptações e, originalmente, não corresponderem a instrumentos psicométricos formais e normatizados, a análise estatística trabalhou com os percentuais de acertos sobre os totais brutos de cada uma das provas aplicadas. Ou seja, as provas de ritmo e as provas psicológicas foram pontuadas formalmente, porém os resultados não foram ponderados para que seus índices ficassem uniformes com os índices de acertos das tarefas de duração de tempo (MAGALHÃES; LIMA, 1999).

Calcularam-se as médias (M) e os desvios-padrão (DP) das idades, a partir das quais confirmou-se a homogeneidade das faixas etárias entre os dois grupos. Assim, na primeira fase de investigação, o grupo síndrome de Asperger obteve  $M = 14,97$  e  $DP = 1,96$  e o grupo de comparação obteve  $M = 14,73$  e  $DP = 1,98$ , o que não representou diferença significativa.

Em seguida, a análise estatística verificou as médias e os desvios-padrão de cada uma das variáveis investigadas para cada um dos grupos, isto é, atenção, habilidades ‘verbal e executiva’, seqüência rítmica, noção de idade, noção de duração em tempo-físico e noção de duração em tempo-vivido (Tabela 1, página 52).

A avaliação da percentagem de acertos em cada tarefa e em cada prova forneceu as médias do grupo síndrome de Asperger e do grupo de comparação. Essas médias foram comparadas entre si pelo Teste Multivariado de Igualdade de Médias. A partir dos resultados encontrados, realizou-se a Análise de Variância (ANOVA) para verificação de diferenças entre as médias (MORRISON, 1976).

Os índices de correlação (Tabelas 2 e 3, página 53) entre

as provas e tarefas foram definidos através do coeficiente de Pearson (c). Vale ressaltar que nível de correlação não representa relação causal, mas apenas as possíveis associações entre os perfis de desempenhos (MORETTIN, 1981).

Por fim, foram medidos os níveis de interação entre os desempenhos nas provas cognitivas e nas tarefas de tempo (Gráfico, página 54).

## **2.2 Instrumentos qualitativos**

Na segunda fase do estudo trabalhou-se com a amostra inicial reduzida, sendo 15 participantes do grupo síndrome de Asperger e 15 participantes do grupo de comparação, pelo interesse ser fundamentalmente qualitativo. Cada participante, de ambos os grupos, passou por uma avaliação individual, com duração de aproximadamente duas horas, na qual foram abordados temas concernentes à temporalidade: termos temporais, noção de períodos, orientação temporal, identidade do eu, história pessoal, presente, passado, futuro, conceituação de tempo e finitude.

### ***Lista de termos temporais***

Efetou-se a leitura de duas listas de palavras relacionadas ao tempo cotidiano e cronológico (ANEXO E):

Lista 1: 'antes, depois, cedo, tarde, nunca, passado, presente, futuro e agora'. Para cada um desses termos foi requisitada uma definição, seguida da criação de uma frase.

Lista 2: 'dia, hora, semana, mês, ano e década'. Para cada um dos períodos foi requisitada uma definição e a indicação das atividades possíveis de serem realizadas em cada período.

### **Entrevista**

Para a investigação da temporalidade foi efetuado um roteiro de entrevista semidirigida estruturado a partir dos trabalhos de MINKOWSKI (1971) e JASPERS (2003, p.153-6). Os temas abordados corresponderam a 'orientação temporal, identidade do eu, história pessoal, presente, passado, futuro, conceituação de tempo e finitude' (ANEXO F).

Todas as entrevistas foram efetuadas individualmente nos 30 (trinta) participantes da segunda fase do estudo e gravadas em fita cassete, mediante autorização verbal do próprio participante e seu responsável. A transcrição literal de todas estas entrevistas possibilitou a descrição dos resultados e a caracterização de ambos os grupos.

### **2.3 Análise qualitativa**

Atualmente, a Fenomenologia é considerada a base filosófica da pesquisa qualitativa que tem o fenômeno humano como alvo de investigação, principalmente quando se diz respeito ao estudo da vivência do sujeito, que se fundamenta na experiência percebida por ele mesmo. Em um trabalho recente a respeito do método de pesquisa clínico-qualitativa esta questão é abordada com ênfase em sua importância na área da saúde mental (TURATO, 2003).

O cuidado crucial do pesquisador é deixar de lado qualquer pressuposto que trace uma pré-concepção, antes que o fenômeno se mostre. MARTINS e BICUDO (1989, p. 75), ao tratarem da análise da estrutura do fenômeno na pesquisa qualitativa de base fenomenológica, colocam que o pesquisador busca "*reavivar, tematizar e compreender eideticamente* os fenômenos da vida cotidiana à medida que são, tais fenômenos, vividos, experienciados e conscientemente percebidos".

No presente estudo, a análise qualitativa deve ser entendida neste sentido. Procurou-se, a partir da dúvida sobre a condição temporal de sujeitos pertencentes ao espectro autístico, solicitar da própria população e, portanto, através de sua própria linguagem, relatos que evidenciassem a questão estudada.

Os resultados corresponderam à elucidação da experiência de tempo cotidiano (noção de tempo) e da temporalidade (condição do sujeito no mundo) em ambos os grupos investigados. As vivências foram apresentadas em temas delimitados a partir dos trabalhos de JASPERS (2003) e MINKOWSKI (1971). A transcrição das entrevistas possibilitou a descrição do fenômeno tematizado, a identificação de aspectos comuns e divergentes entre os participantes e, posteriormente, o diálogo com as referências teóricas.

### 3 RESULTADOS

#### 3.1 Perfil dos desempenhos em noção de tempo

##### Indivíduos do grupo síndrome de Asperger

##### PROVAS PSICOLÓGICAS

A partir das provas psicológicas administradas (subtestes - Wechsler Intelligence Scales - Revised) encontraram-se os seguintes resultados: no subteste Dígitos a maior parte do grupo síndrome de Asperger demonstrou melhor habilidade para memória imediata e manutenção da amplitude atencional para informações que foram reproduzidas na mesma ordem em que foram apresentadas pelo aplicador; sendo que a ordem inversa, na qual foi necessária a inibição da resposta usual, o grupo se caracterizou por perder a meta. Na subteste Vocabulário, o grupo demonstrou conhecer conceitos por seu uso situacional, e também ofereceu definições formais, dicionarísticas e pleonasmos. A praxia visuoconstrutiva e síntese de figuras abstratas através do subteste Cubos caracterizaram-se por acertos a partir de tentativa e erro, com a organização do todo priorizando as partes. Quanto às provas de ritmo, o grupo caracterizou-se por demonstrar melhor habilidade na reprodução de seqüência por orientação visual, do que auditiva. A reprodução espontânea de ritmos caracterizou-se pela reprodução exata do



número de batidas requisitado, e pela rigidez dos intervalos entre essas batidas.

#### DURAÇÃO EM TEMPO-FÍSICO

Nas provas de duração em tempo-físico, os indivíduos do grupo síndrome de Asperger demonstraram identificar de modo focal as variáveis 'sucessão (Su), simultaneidade (Si) e velocidade (V)', que correspondem ao 'espaço' e trazem implicitamente as noções de tamanho, distância e deslocamento. Esses aspectos, articulados entre si, indicam as condições físicas em que determinado evento acontece. No caso do grupo síndrome de Asperger, cada aspecto espacial pôde ser identificado no evento temporal; porém, foram ressaltados individualmente. Conforme os exemplos ilustram<sup>3</sup>:

Prova 2: I e II partem juntos e percorrem espaços diferentes. I tem maior velocidade que II e pára no final do trajeto. II pára antes do fim e somente após a parada de I.

*Quem parou mais cedo? O II. Quando I parou era meio dia. Então, quando II parou era antes ou depois do meio dia? Parou 11 horas. Por quê? Parou 11 horas da manhã.*

*Xa, masculino, 17 anos*

Prova 6: I e II saem juntos. I tem maior velocidade a princípio, sendo que é ultrapassado por II, que chega antes dele no final do percurso (ambos percorrem todo o trajeto).

---

<sup>3</sup> Nos exemplos ilustrativos os sujeitos estão identificados por letras do alfabeto em maiúsculos. Como as letras se repetem em ambos os grupos, a distinção está indicada por uma segunda letra em minúsculo: 'a' se o participante for do grupo síndrome de Asperger, e 'c' se pertencer ao grupo de comparação.

No final da corrida quem ia mais rápido? *O II. Por quê? Porque é mais leve. Quem andou durante mais tempo? O I. Por quê? É mais pesado.*

Pa, masculino, 15 anos

Prova 8: I e II partem de pontos distintos. II parte antes de I (no tempo), mas I tem velocidade maior do que II, o que faz com que cheguem juntos no final do trajeto.

Eles chegaram juntos? *O II chegou primeiro e o I chegou em segundo. Por quê? O I estava parado e o II saiu.*

Na, masculino, 18 anos (nesta fase<sup>4</sup>)

Quem andou mais tempo? *Acho que o I. Por quê? Porque a distância era maior.*

Qa, feminino, 18 anos

Quem andou mais tempo? *O I. Por quê? Porque chegou depois.*

Ja, masculino, 15 anos (nesta fase)

PROVA 9: II sai antes de I e chega primeiro no final do percurso. I e II têm a mesma velocidade. I percorre até o fim, chegando depois.

Eles andaram durante o mesmo tempo? *Não. Por quê? O I foi meio devagar e ficou em último.*

Ca, masculino, 12 anos (nesta fase)

---

<sup>4</sup> Os participantes que tiverem essa indicação ao lado da idade estarão mais velhos na descrição dos resultados a segunda fase.

## NOÇÃO DE IDADE

Nesta tarefa, que apresentou conceitos de tempo cronológico na comparação de idades entre pessoas familiares e animais, o grupo síndrome de Asperger predominantemente sustentou suas respostas pela noção de tamanho e quantidade; portanto, através de relações espaciais.

Exemplos:

Quantos anos você tem? *12*. Quando é o seu aniversário? *Dois de fevereiro*. Quantos anos seu irmão tem? *P 35*. Quem é o mais velho de vocês dois? *O P*. Quantos anos ele é mais velho do que você? *Dois anos*. Por quê? *Porque ele cresceu antes de mim*.

Z4a, masculino, 12 anos

Quantos anos você tem? *17 anos*. Quando é o seu aniversário? *18 de agosto*. Quantos anos seu irmão tem? *14*. Quem é o mais velho de vocês dois? *Eu*. Quantos anos você é mais velho do que ele? *Eu tenho 17*. Por quê? *Porque eu sou alto, magro*.

Ma, masculino, 17 anos (nesta fase)

Você saberia se um cachorro pequeno é mais novo que um grande? *O grande é mais velho*. Como? *Em consequência do chamado tamanho*.

Na, masculino, 18 anos (nesta fase)

Houve o uso de expressões estereotipadas relacionadas ao contexto:

Sua mãe é mais velha que você? *É. Eu sou mais novo, tenho 14 anos*. Quando você for adulto ela será mais velha? *Será*. Por quê? *Porque ela faz anos e o azar é só dela*.

Ga, masculino, 14 anos (nesta fase)

## DURAÇÃO EM TEMPO-VIVIDO

Esta atividade teve por objetivo suscitar sensações a respeito da passagem do tempo pela participação direta do indivíduo na própria tarefa. Assim, o grupo síndrome de Asperger tanto ignorou suas impressões pessoais, desviando-as para a dimensão espacial, como se apegou totalmente a elas, de modo que a passagem de tempo em si não foi considerada. Os exemplos abaixo podem ilustrar essa constatação:

- Modalidade 1: Desenhar círculos durante 15 segundos, em ritmo lento e 25 segundos em ritmo rápido.

Você trabalhou durante o mesmo tempo? *Não*. Alguma das vezes demorou mais? *O caprichado demorou mais tempo*. Por quê? *Porque tem mais bolinhas*.

Ha, feminino, 14 anos (nesta fase)

Você trabalhou durante o mesmo tempo? *Sim*. Alguma das vezes demorou mais? *Não*. Por quê? *O motivo é que eu tive que fazer bem caprichada e fiz pouquinho e nas rápidas pude fazer mais*.

Qa, feminino, 18 anos (nesta fase)

- Modalidade 1: Desenhar círculos durante 25 segundos, em ritmo lento e 15 segundos em ritmo rápido.

Você trabalhou durante o mesmo tempo? *A segunda demorou mais*. Alguma das vezes demorou mais? *As 18 bolinhas*. Por quê? *18 bolinhas*.

Wa, masculino, 16 anos

- Modalidade 2: Transportar objetos (isopor e metal) com uma pinça em durações iguais de 15 segundos.

As tarefas duraram o mesmo tempo? *Não, foi quase. Em alguma das vezes o tempo passou mais rápido? Se for a quantidade, a bolinha. Por quê? Essas eram mais leves... Você gastou mais tempo para fazer a primeira ou a segunda atividade? As roscas. Quanto tempo você gastou? 33 e 30 segundos.*

Ia, masculino, 15 anos (nesta fase)

- Modalidade 2: Transportar objetos com durações de 15 segundos (isopor) e 25 segundos (metal).

Você trabalhou durante o mesmo tempo? *Não. Como? Também é pelo peso. Mais tempo nas roscas. Qual foi mais rápida? As bolinhas. Por quê? Pelo peso. Então, você gastou mais tempo para fazer a segunda atividade? Não. Quanto tempo você gastou em cada uma? Nas roscas 20 segundos e nas bolinhas oito.*

Ka, masculino, 16 anos (nesta fase)

A associação do assunto de interesse específico, que é comum neste quadro psicopatológico, apareceu em uma das avaliações, porém, não representou uma tendência no grupo como um todo.

- Modalidade 1: Desenhar círculos durante 25 segundos, em ritmo lento e 15 segundos em ritmo rápido.

Você trabalhou durante o mesmo tempo? *Acho que não. Alguma das vezes demorou mais? O segundo passou mais tempo. Por quê? Porque os trilhos vão para Júlio Prestes e o primeiro para Jabaquara.*

Sa, masculino, 15 anos

Observação: Sa comparou a seqüência de bolinhas que desenhou aos trilhos de metrô, relacionando a maior quantidade ao trajeto mais distante.

Na modalidade 1, apesar da instrução de que seria necessário desenhar mais rapidamente no segundo desenho de cada etapa, os participantes do grupo síndrome de Asperger não alteraram seu ritmo.

### **Indivíduos do grupo de comparação**

#### PROVAS PSICOLÓGICAS

Os participantes do grupo de comparação apresentaram respostas dentro do esperado para sua faixa etária de acordo com os critérios de correção dos manuais das escalas Wechsler utilizadas. Em relação ao subteste Vocabulário (WIS-R) caracterizaram seu desempenho pela definição abstrata e conceitual e boa capacidade de aprendizagem. No subteste Cubos (WIS-R) demonstraram capacidade para organização e planejamento visuo-constructivo de figuras abstratas. Na prova atencional (subteste Dígitos WIS-R) o grupo demonstrou melhor habilidade para reter informações na ordem direta, do que na ordem inversa, e perda da meta da atividade com o aumento das informações apresentadas. O grupo também demonstrou melhor habilidade na reprodução de seqüência rítmica pela orientação visual do que pela auditiva; e variação espontânea dos intervalos de ritmos batidos, criando

ritmos variados dentro do limite de batidas solicitado.

## DURAÇÃO EM TEMPO-FÍSICO

Os indivíduos do grupo de comparação, na maioria das vezes, identificaram de modo articulado as variáveis 'sucessão (Su), simultaneidade (Si) e velocidade (V)' nas condições apresentadas nas provas de tempo-físico. No entanto, participantes mais jovens cometeram erros ao não integrarem todas essas variáveis, apesar de reconhecê-las. Os exemplos abaixo, que também correspondem aos apresentados nos resultados do grupo síndrome de Asperger, podem ilustrar esta descrição:

Prova 2: I e II partem juntos e percorrem espaços diferentes. I tem maior velocidade que II e pára no final do trajeto. II pára antes do fim e somente após a parada de I.

*Quem parou mais cedo? O I. Quando I parou era meio dia. Então, quando II parou era antes ou depois do meio dia? Depois. Por quê? Porque ele demorou. Quando o I chegou, ele andou bastante tempo.*

Uc, masculino, 17 anos

Prova 6: I e II saem juntos. I tem maior velocidade a princípio, sendo que é ultrapassado por II, que chega antes dele no final do percurso (ambos percorrem todo o trajeto).

*No final da corrida quem ia mais rápido? O II. Por quê? Porque foi mais rápido depois. Quem andou durante mais tempo? O I. Por quê? Porque chegou depois.*

Wc, masculino, 15 anos

Prova 8: I e II partem de pontos distintos. II parte antes de I (no tempo), mas I tem velocidade maior do que II, o que faz com que cheguem juntos no final do trajeto.

Eles chegaram juntos? *Chegaram. Por quê? Porque o II foi mais devagar, mas saiu antes.*

Z1c, masculino, 18 anos

Quem andou mais tempo? *O II. Por quê? Porque ele estava antes que o I e foi devagar.*

Tc, feminino, 17 anos

Quem andou mais tempo? *O II. Por quê? Porque andou bem devagarzinho.*

Zc, masculino, 15 anos

PROVA 9: II sai antes de I e chega primeiro no final do percurso. I e II têm a mesma velocidade. I percorre até o fim, chegando depois.

Eles andaram durante o mesmo tempo? *Não. Por quê? O I chegou depois e demorou mais.*

Cc, masculino, 12 anos (nesta fase)

## NOÇÃO DE IDADE

O grupo de comparação apresentou respostas conceituais e de conteúdo abstrato para essas questões. Exemplos:



Quantos anos você tem? *12*. Quando é o seu aniversário? *14 de agosto*. Quantos anos sua irmã tem? *Sete*. Quem é o mais velho de vocês dois? *Eu*. Quantos anos você é mais velho do que ela? *Cinco anos*. Por quê? *Porque eu nasci primeiro que ela*.

Ac, masculino, 12 anos (nesta fase)

Você saberia se um cachorro pequeno é mais jovem que um cachorro grande? *Dá*. Como? *Se olhar a cor do pêlo dá para ver que é velho*.

Nc, masculino, 18 anos (nesta fase)

O uso de expressão estereotipada também ocorre, porém, com crítica:

Sua avó fica mais velha a cada ano? *Fica*. Por quê? *Porque cada ano que passa ela fica mais velha!* (Rindo)

Rc, masculino, 12 anos

#### DURAÇÃO EM TEMPO-VIVIDO

Os indivíduos do grupo de comparação, no decorrer das tarefas de tempo-vivido, referiram-se às durações identificando os aspectos envolvidos. Destacaram que a atividade havia suscitado impressões e sensações e que isso poderia interferir nas respostas apresentadas.

- Modalidade 1: Desenhar círculos durante 15 segundos, em ritmo lento e 25 segundos em ritmo rápido.

Você trabalhou durante o mesmo tempo? *Não*. Alguma das vezes demorou mais? *As rápidas*. Por quê? *A II demorou mais. Uns 10 segundos de diferença*.

Gc, masculino, 14 anos (nesta fase)

Você trabalhou durante o mesmo tempo? *Não*. Alguma das vezes demorou mais? *A segunda vez foi mais tempo*. Por quê? *Era para fazer rápido e eu fiquei mais tempo para fazer do que esta que era devagar*.

Vc, feminino, 17 anos

- Modalidade 1: Desenhar círculos durante 25 segundos, em ritmo lento e 15 segundos em ritmo rápido.

Você trabalhou durante o mesmo tempo? *Não*. Alguma das vezes demorou mais? *A primeira demorou mais*. Por quê? *Porque deu para fazer com mais detalhes, mais devagar*. *A segunda eu fiz rápido em menor número que a outra*.

Jc, masculino, 16 anos (nesta fase)

- Modalidade 2: Transportar objetos (isopor e metal) com uma pinça em durações iguais de 15 segundos.

As tarefas duraram o mesmo tempo? *Sim*. Em alguma das vezes o tempo passou mais rápido? *Não*. Por quê? *Porque você marcou no relógio*. Você gastou mais tempo para fazer a primeira ou a segunda atividade? *Foi o mesmo*.

Ic, masculino, 15 anos (nesta fase)

- Modalidade 2: Transportar objetos com durações de 25 segundos (isopor) e 15 segundos (metal).

Você trabalhou durante o mesmo tempo? *Não*. Como? *Nas roscas foi diferente*. *Mais*. Qual foi mais rápido? *As bolinhas*. Por quê? *Talvez por deixar uma sensação de maior tempo*. Então, você gastou mais tempo para fazer a primeira atividade? *Sim*.

Kc, masculino, 16 anos (nesta fase)

- Modalidade 2: Transportar objetos com durações de 15 segundos (isopor) e 25 segundos (metal).

Você trabalhou durante o mesmo tempo? *Não*. Como? *Eu percebi que o das roscas foi menor*. Qual foi mais rápido? *As roscas*. Por quê? *Eu percebi que foi menor*. Então, você gastou mais tempo para fazer a segunda atividade? *Sim*.

Z3c, feminino, 13 anos

### **3.1.1 Comentários**

De modo geral, os resultados evidenciaram diferenças importantes entre os grupos, das quais algumas puderam ser mais claramente detectadas através das descrições qualitativas. Conforme os dados estatísticos, o grupo síndrome de Asperger apresentou variação entre os desempenhos de seus membros, apesar dos resultados caracterizarem-se de modo homogêneo do ponto de vista qualitativo.

Basicamente, os participantes do grupo síndrome de Asperger destacaram os aspectos espaciais presentes no evento temporal, mesmo em relação às atividades de tempo-vivido. O grupo de comparação, por sua vez, foi capaz de apresentar uma perspectiva espaciotemporal em suas respostas e se identificou como temporalizador do que percebe, ou seja, conseguiu discernir entre suas impressões e as marcações reais. O desempenho análogo esperado entre estas tarefas (tempo-físico e tempo-vivido) proposto por PIAGET (1946) pôde ser identificado estatisticamente apenas nos resultados do grupo de comparação. Todavia, uma vez que o grupo síndrome de Asperger considerou apenas os elementos espaciais em ambas as tarefas, o desempenho análogo também foi identificado, mas do ponto de vista qualitativo. Os resultados nas funções cognitivas avaliadas também evidenciaram o grupo bastante homogêneo do ponto de vista qualitativo. O desempenho na prova verbal (Vocabulário WIS-R) se caracterizou pela definição restrita de conceitos e pela capacidade de aprendizado de informações formais e funcionais, e a praxia visuoestrutiva, pela organização do todo a partir das partes (Cubos WIS-R). Esse desempenho, apesar de defasado em relação ao grupo de comparação, não caracterizou prejuízo intelectual por ser satisfatório em situações de vida

diária nas quais pode ser esperada a formalidade.

O grupo de comparação, também demonstrou homogeneidade em seu desempenho qualitativamente e quantitativamente. No entanto, diferentemente do grupo síndrome de Asperger, apresentou capacidade de planejamento e síntese através de praxia visuoconstrutiva e pelo aprendizado conceitual abstrato.

O desempenho atencional de ambos os grupos foi semelhante, uma vez que demonstraram dificuldade para inibir respostas usuais ao ser requisitado que oferecessem uma não usual.

A análise estatística revelou níveis de correlação classificados entre 'moderado' e 'fraco', não sendo possível a identificação de correlações 'fortes', provavelmente em função do tamanho da amostra (Tabelas 2 e 3 abaixo — página 53). Para uma leitura mais clara dessas tabelas, é importante ressaltar que uma correlação fraca pode ocorrer tanto em função de um desempenho muito defasado em uma das variáveis confrontadas, como por um desempenho muito acima da média.

Entre os níveis de correlação, apesar do desempenho qualitativo ter sido homogêneo, constatou-se que a prova verbal (Vocabulário WIS-R) do grupo síndrome de Asperger estabeleceu correlação fraca com as demais provas psicológicas e com a prova de ritmo compreendido por símbolos. No grupo de comparação, o mesmo ocorreu, no que diz respeito à prova de ritmo compreendido em função da elevada quantidade de acertos.

A tarefa 'noção de idade' apresentou correlação significativa com as provas psicológicas e também com as tarefas de duração de tempo-físico no grupo síndrome de Asperger. No entanto, estabeleceu correlação fraca com as provas de ritmo e de duração em tempo-vivido. Os indivíduos do grupo de comparação, diferentemente, apresentaram um altíssimo índice de acertos nessa tarefa, estabelecendo correlações fracas com

todas as demais variáveis.

O resultado do grupo síndrome de Asperger na tarefa de duração em tempo-físico apresentou índice moderado de correlação apenas com a prova psicológica verbal. Já o grupo de comparação obteve correlação moderada entre a tarefa de duração em tempo-físico e todas as provas psicológicas.

Os resultados do grupo síndrome de Asperger nas tarefas de duração em tempo-vivido apresentaram correlações fracas com todas as provas psicológicas. De modo geral, foi nesta tarefa que o grupo apresentou os resultados mais defasados. As correlações entre duração em tempo-físico e em tempo-vivido também ocorreram de forma diferente nos grupos. No grupo síndrome de Asperger a correlação foi considerada fraca, com um baixo índice de acertos e, no grupo de comparação, estes resultados foram melhores, com um nível de correlação moderado.

Constatou-se, ainda, um arranjo estatístico semelhante entre os grupos nas provas psicológicas (verbal, executiva e atencional) e nas provas de ritmos, no qual os desvios-padrão de cada tarefa se incluem entre os dois grupos. Isto poderia significar que o grupo síndrome de Asperger se manteria em um 'grau' abaixo do grupo de comparação no desempenho dessas provas, sendo a discrepância principal entre os desempenhos nas tarefas de noção de tempo (Gráfico a seguir — página 54).

Dessa forma, o grupo síndrome de Asperger diferenciou-se do grupo de comparação, do ponto de vista estatístico, principalmente no que diz respeito ao desempenho nas tarefas de noção de tempo e nas provas verbais.

### 3.2 Tabelas e gráfico

**Tabela 1:** Médias e desvios-padrão

Variáveis investigadas na caracterização da noção de tempo

<u>VARIÁVEIS</u>	<u>MÉDIA/DESVIO-PADRÃO</u>	<u>GA</u>	<u>GC</u>	<u>TEST t (p)</u>
Tempo-físico	M	55,51	75,44	<0,001 *
	DP	10,48	11,32	
Noção de idade	M	58,03	96,82	<0,001 *
	DP	20,63	4,33	
Tempo-vivido	M	36,94	74,58	<0,001 *
	DP	11,04	20,07	
Atenção	M	31,31	42,62	0,005 *
	DP	16,56	13,62	
Verbal	M	39,79	65,63	<0,001 *
	DP	17,11	14,43	
Execução	M	46,18	71,61	<0,001 *
	DP	25,08	20,61	
Ritmo-reproduzido	M	62,75	82,90	<0,001 *
	DP	23,45	13,56	
Ritmo-compreendido	M	75,87	94,60	0,002 *
	DP	30,12	8,46	

\**Teste t – independente*: valores menores ou iguais a 0,05 correspondem a diferenças significativas entre os dois grupos.

**Legenda:** GA – Grupo síndrome de Asperger  
GC – Grupo de comparação

**Tabela 2: Níveis de correlação GA****Grupo síndrome de Asperger**

Variáveis	<i>Tempo Físico</i>	<i>Noção Idade</i>	<i>Tempo Vivido</i>	<i>Atençã o</i>	<i>Verba l</i>	<i>Execuçã o</i>	<i>Ritmo-Repro- duzido</i>	<i>Ritmo- Compre- endido</i>
<i>Tempo-físico</i>								
<i>Noção Idade</i>	0,447							
<i>Tempo- vivido</i>	0,086	0,181						
<i>Atenção</i>	0,218	0,594	(0,076)					
<i>Verbal</i>	0,431	0,516	0,289	0,318				
<i>Execução</i>	0,329	0,418	0,243	0,426	0,269			
<i>Ritmo- Reproduzido</i>	0,430	0,399	0,025	0,444	0,311	0,581		
<i>Ritmo- Compreendido</i>	0,127	0,278	(0,035)	0,355	0,120	0,468	0,438	

Legenda: C < 0,40: Correlação Fraca      0,40 < | C | < 0,70: Correlação Moderada

**Tabela 3: Níveis de correlação GC****Grupo de comparação**

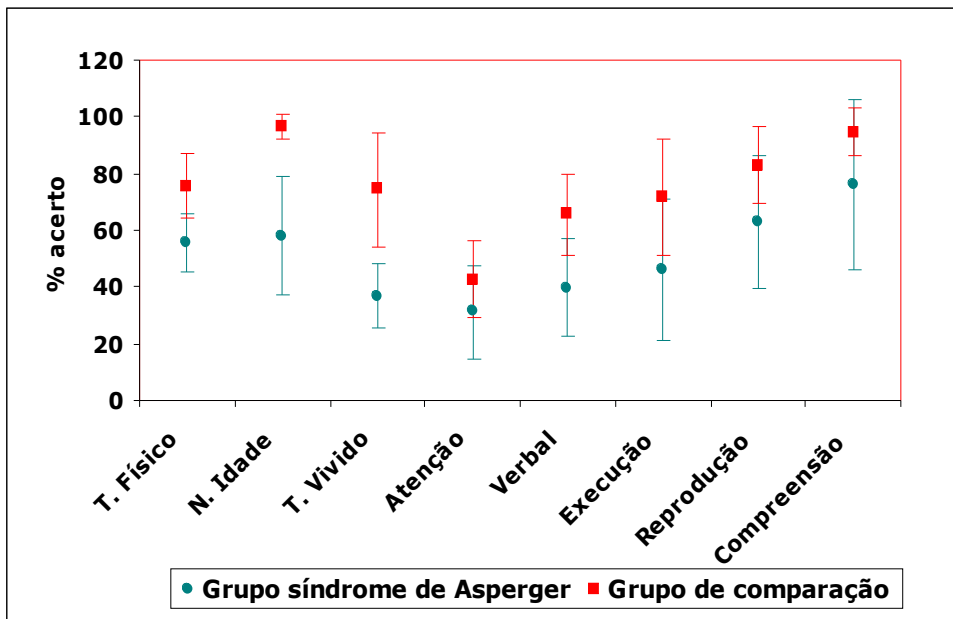
Variáveis	<i>Tempo- físico</i>	<i>Noção Idade</i>	<i>Tempo- vivido</i>	<i>Atençã o</i>	<i>Verba l</i>	<i>Execuçã o</i>	<i>Ritmo- Repro- duzido</i>	<i>Ritmo- Compre- endido.</i>
<i>Tempo-físico</i>								
<i>Noção Idade</i>	0,201							
<i>Tempo-vivido</i>	0,545	0,127						
<i>Atenção</i>	0,553	(0,013)	0,263					
<i>Verbal</i>	0,618	0,290	0,395	0,414				
<i>Execução</i>	0,698	0,324	0,493	0,530	0,514			
<i>Ritmo- Reproduzido</i>	0,257	0,051	0,168	0,528	0,091	0,390		
<i>Ritmo- Compreendido</i>	0,612	0,167	0,260	0,452	0,580	0,625	0,251	

Legenda: C < 0,40: Correlação Fraca      0,40 < | C | < 0,70: Correlação Moderada



**Gráfico:** Distribuição de interação entre desempenhos

Interação entre as médias dos resultados das variáveis investigadas



### 3.3 Temas temporais – descrição

#### **Indivíduos do grupo síndrome de Asperger**

##### TEMA 1: TERMOS TEMPORAIS

O grupo síndrome de Asperger, em sua maioria, identificou como termos temporais o vocabulário apresentado, exceto por respostas nas quais o termo 'presente' foi referido como algo recebido de alguém:

Presente: *É o que eu vou ganhar.* Frase: *Vou ganhar um presente hoje.*

Ha, feminino, 16 anos

Presente: *É ganhar um presente.* Frase: *Ganhar um CD.*

Ca, masculino, 14 anos

A definição e a criação de sentenças para as palavras apresentadas foram fornecidas com variação, e algumas explicações foram fundamentadas na experiência cotidiana:

Presente: *É o que está acontecendo neste instante.*  
Frases: *Hoje eu estou presente aqui falando com a senhora.*

Ka, masculino, 18 anos

*Cedo: É um tempo que não está na hora de você fazer seus compromissos. Frase: Está muito cedo para eu me levantar.*

Aa, masculino, 13 anos

*Nunca: Nunca, quer dizer que eu não posso fazer. É o que eu nunca vou fazer para sempre. Frase: Eu nunca vou na cadeia.*

Fa, masculino, 15 anos

*Antes: É pra você chegar umas 7:30 na aula, o portão abre às 7:50. Frase: Antes eu dormia mais cedo, desligava a televisão.*

Ca, masculino, 14 anos

*Agora: É o que estamos enfrentando nesse momento. Frase: Agora a apuração eleitoral ainda continua.*

Na, masculino, 20 anos

*Cedo: Antes do que tarde. Mais cedo possível. Frase: Eu levanto cedo.*

Ba, masculino, 13 anos

Em outras respostas as definições foram dicionarísticas, sinônimas e antônimas:

*Tarde: Contrário de cedo, atrasado, ou que está entre manhã e noite. Frase: Eu vou chegar tarde.*

Ia, masculino, 17 anos

*Nunca: Um advérbio negativo. Jamais. Frase: Não vou terminar esse trabalho nunca.*

Aa, masculino, 13 anos

Outras respostas foram apresentadas de modo padronizado a partir de conceitos relacionados ao tempo:

Passado: *É uma das deusas da mitologia nórdica.*  
Presente: *Uma das deusas. Entre o passado e o futuro, tempo de agora.* Futuro: *Além de ser outra deusa, depois do presente é o que vem por aí.*

Ia, masculino, 17 anos

Passado: *É o que já aconteceu.* Presente: *O que está acontecendo.* Futuro: *É o que vai acontecer.*

Fa, masculino, 15 anos

A associação entre palavras com o mesmo radical também foi constatada em algumas respostas:

Futuro: *O que vai acontecer.* Frase: *Eu irei ao supermercado.* Cadê a palavra futuro na frase? *Eu irei futuramente ao supermercado.*

Ba, masculino, 13 anos

Tarde: *Que está entardecendo.* Frase: *Tarde da noite está escuro.*

La, masculino, 18 anos

Chavões e estereótipos também foram utilizados pelos participantes do grupo síndrome de Asperger:

Passado: *O que não volta mais.* Frase: *Águas passadas não movem moinho.*

Ba, masculino, 13 anos

Presente: *Novos tempos. Significa que é o século XXI. O presente é o melhor dos tempos. É o melhor de novos que vão nascendo, que vai surgindo, que vai chegando.* Frase: *Presente: uma nova era.*

Ga, masculino, 16 anos

Passado: *É uma geração passada na qual ninguém existiu.* Frase: *Tenho o passado na cabeça.*

Ma, masculino, 19 anos

Tarde: *Dois sentidos: quando não dá mais pra fazer a coisa, e período da tarde.* Frase: *Nunca é tarde para ser feliz.*

Ja, masculino, 17 anos

Os termos 'antes e depois' apresentaram definições e frases temporais na maior parte das vezes e foram caracterizados como seqüenciais. No entanto, algumas respostas apresentaram conteúdo espacial.

#### -Temporal

Depois: *O que vem pela frente.* Frase: *Eu tenho esperança no depois.*

Ja, masculino, 17 anos

Depois: *É o que vai acontecer.* Frase: *Vou comer sobremesa depois do almoço.*

Fa, masculino, 15 anos

Antes: *É que uma pessoa faz uma coisa antes de realizá-lo.* Frase: *Eu tenho antes uma coisa.*

Ma, masculino, 19 anos

Antes: *É o que passou.* Frase: *Antes de eu ir para a escola eu fui lavar a louça.*

Ka, masculino, 18 anos

-Espacial

*Antes: É antes do que veio. Antecessor. Frase: O signo Áries vem antes de Touro.*

Ba, masculino, 13 anos

## TEMA 2: NOÇÃO DE PERÍODOS

O caráter cronológico foi a referência utilizada. Cada período foi demarcado pela quantidade de minutos, horas, dias, meses e anos que o constituía.

*Hora: É equivalente a sessenta minutos.*

Aa, masculino, 13 anos

*Dia: São vinte e quatro horas.*

Ia, masculino, 17 anos

*Mês: Trinta ou trinta e um dias. No caso do ano bissexto, ele tem vinte e nove dias em fevereiro ou normal pra vinte e oito.*

Na, masculino, 20 anos

*Mês: Mês? Por exemplo: fevereiro tem 29 dias em 2004, outros têm 31, 28 dias, 30 dias é abril, junho, setembro e novembro, o resto é 31 dias.*

Da, masculino, 14 anos

*Ano: É o que pode pra durar uns 300 dias.*

Ka, masculino, 18 anos

*Década: Dez anos que vai do zero ao nove. Não. Do um ao zero, do ano que começa final um até o final zero.*

Ja, masculino, 17 anos

Os períodos 'hora e dia', em especial, foram caracterizados também a partir da experiência pessoal:

*Dia: Um dia que tem que trabalhar. Fazer coisa.*

Ma, masculino, 19 anos

*Hora: É na hora.*

Ha, feminino, 16 anos

*Hora: É o horário.*

Na, masculino, 20 anos

*Dia: Hoje é dia 21. Fui para aula e voltei.*

Ca, masculino, 14 anos

*Hora: É quando vê que horas são. Duas e quarenta e três. Serve para passar com o tempo.*

Fa, masculino, 15 anos

As atividades sugeridas para o preenchimento dos períodos tiveram como referência a própria rotina. Muitas vezes os afazeres de períodos maiores tinham proporções ou importância semelhantes aos menores. No entanto, as diferenças de amplitude de tempo foram referidas

pela quantidade, isto é, as atividades poderiam ser repetidas mais vezes em períodos considerados maiores.

Mês: *Sair "bastante".*

Ha, feminino, 16 anos

Ano: *Um monte de coisas. Jogar videogame, ver filme no cinema, tomar sorvete, comer chocolate, comer hambúrguer e muitas outras coisas.*

Fa, masculino, 15 anos

Ano: *Fazer tudo isso em um ano* (atividades mencionadas nas respostas anteriores).

Aa, masculino, 13 anos

A idéia de amplitude também foi revelada a partir de marcos temporais:

Mês: *Dá para fazer aniversário, lição, fazer trabalho. Dá pra marcar data certa.*

Ba, masculino, 13 anos

Ano: *Parece que...esperar aniversário.*

Da, masculino, 14 anos

Ano: *Esperar o ano que vem. O ano de 2003. Contagem regressiva.*

Oa, masculino, 21 anos

Ano: *Terminar o ano escolar.*

Ja, masculino, 17 anos



Alguns indivíduos mais velhos relataram que mudanças significativas poderiam ocorrer em períodos de tempo maior, geralmente em função de mudanças físicas ou outras quaisquer, pelas quais já haviam passado.

*Década: Mudar o rosto. Fazer a barba.*

Oa, masculino, 21 anos

*Ano: Precisa tomar juízo, tomar jeito, tomar coragem, uma atitude, conviver com gente de bem. Viva assim mesmo!*

Ga, masculino, 16 anos

*Década: Dez vezes isso daí (atividades mencionadas nas respostas anteriores). O pessoal fica mais diferente com o passar do tempo. Além de mudanças físicas ela também pode ter mudanças psíquicas. Por exemplo, há dez anos atrás eu era tímido, não conversava, era mais acanhado. Hoje eu converso, eu quase não sou tímido.*

Ia, masculino, 17 anos

*Década: Eu era pequeno, era bebê, eu cresci fiquei menino, agora estou fazendo mais coisas, estou na quinta série, vou para sexta série o ano que vem, vou fazer aniversário dia oito de dezembro. Pode continuar.*

Fa, masculino, 15 anos

### TEMA 3: ORIENTAÇÃO TEMPORAL

Os indivíduos do grupo síndrome de Asperger mostraram-se orientados no tempo. Todos sabiam a própria idade, os dias da

semana, o dia do mês, o ano e os períodos do dia. As tarefas ou compromissos vividos até aquele momento foram relatados com detalhes.

*O que você já fez hoje? Hoje, esper..., hoje eu já peguei, já pego dois metrô pra vir pra cá, sendo que primeiro eu pego o ônibus que eu vou pra Itaquera depois entro no metrô e depois descí na Sé pra pegar o outro metrô que viesse pra cá. Demorou a você chegar aqui? Ah, um pouco, porque, acho que o trem daque..., da linha Norte parece que pára um pouco antes de chegar na estação.*

Da, masculino, 14 anos

*Que dia foi ontem? Foi domingo. O que você fez ontem? Ontem, assim, ontem foi dia da eleição, eu tentei votar de manhã, só que a fila estava lotada, voltei para casa, almocei, depois o tempo passou, uma hora depois eu fui votar com a tia V. Aí, aí no dia... em que eu fiquei na fila, o fiscal me chamou pra que eu votasse, eu fiquei sentado. Aí eu fui indicado para votar e votei em 15 segundos. Bom, depois que eu votei, foi assim, eu voltei para casa tranquilo, gravei o "Tribos". Gravei "Expedições". Ah, sem lembrar assim, uma coisa, acompanhar apuração. Acompanhei pela televisão.*

Na, masculino, 20 anos

*O que você já fez hoje? Eu fui levantar cedo, tomar banho, me limpar, me ensaboar, enxugar. Primeiro me enxaguei, depois me enxuguei, depois me vesti, depois me passei creme, me perfumei, depois penteiei meu cabelo e me aprontei pra sair.*

Ga, masculino, 16 anos

Os relatos mais breves corresponderam ao que ainda seria feito:

*O que você vai fazer ainda hoje, depois que eu for embora? Dar uma despedida. Você vai se despedir de mim, e depois? Vou trocar de roupa e ir..., vou descansar um pouco.*

Ca, masculino, 14 anos

O que você vai fazer ainda hoje? *Vou lanchar e vou pro banho. Tem mais coisas para fazer ainda hoje? Tem a janta.*

Ma, masculino, 19 anos

O que você vai fazer amanhã? *Amanhã eu não tenho planos. Eu continuo fazendo a mesma coisa que eu sempre sei fazer.*

Ka, masculino, 18 anos

#### TEMA 4: IDENTIDADE DO EU

A descrição de quaisquer características pessoais, a partir de referências 'presente, passada e futura', foi caracterizada no grupo de síndrome de Asperger pela presença de qualidades consideradas positivas, principalmente para os que não se inibiram em falar. Alguns demonstraram hesitação e maior tempo de reação diante destas perguntas.

Como você é hoje? *Hoje? Hoje, mas é que no aniversário parava a força lá na minha região por causa da chuva... Fale de você: o que você acha de você? O que acho, é que a... acho que no... mas quando eu fui para a oitava série eu achei que eu estava em recuperação e daí quando a gente... quando eu ia entrar para a escola, a oitava, aí percebi que meu nome estava na lista do noturno, daí os funcionários de lá achavam que eu tenho que continuar no vespertino. Quando eu peço para você me falar sobre você, você entende o que eu estou falando? É sim. Eu queria que você descrevesse as suas características. As características? É assim... Como você é? Algumas vezes eu sou meio nervoso... tem vez que eu penso sozinho, outras vezes eu penso a... é, eu falo... Que mais? Às vezes eu falo porque tem vez que... tem dia que não dá para eu resolver meus problemas, porque as coisas parece que estão mudando a cada... a cada ano que está tudo se aproximando de ser maior de idade, ainda está faltando quatro anos.*

Da, masculino, 14 anos

Como você é hoje? *Sou grande e forte. Bonzão e legalzão.*

Ma, masculino, 19 anos

Como você é hoje? *Grande, alto, maior que a minha mãe, inteligente, estudioso, bonito, saudável, tudo isso.*

Ba, masculino, 13 anos

Como você é hoje? (silêncio) O que você acha de você? *Legal. Simpático.*

La, masculino, 18 anos

Como você é hoje? *Inteligente, jovem, alto, forte, bonito.*

Oa, masculino, 21 anos

Aspectos físicos foram indicados mais facilmente do que aspectos psicológicos:

Como você é hoje? *Cabelo negro, bolinhas pretas (pintinhas da pele), nariz pequeno, orelhas grandes, olhos marrons, pescoço grande.*

Ea, masculino, 15 anos

Como você é hoje? *Sou um menino bonito. De pêlos. Orelhas estão sujinhas, posso limpá-las. Lavo os cabelos. Quais são as outras características? É que tenho olho, orelha, bocona, narigão, sobrancehona, dedos, pezão que eu calço 41.*

Fa, masculino, 15 anos

Alguns consideraram também os aspectos psicológicos que os agradam e desagradam, e que também são identificados por outras pessoas.

*Como você é hoje? Ah, um cara inteligente, legal, simpático, muuuito carismático, o pessoal lá da minha escola, pelo menos o período da manhã me conhece, todo mundo me conhece, eu acho que é o meu jeito de ser. Mas, é porque eu sou cara de coitadinho. É... às vezes eu caio ao pé da letra, mas eu sou inteligente. D. diz que eu sou burro, idiota, horrível, é aquele xingamento, mas é que irmãos são assim. Eu contra-ataco.*

Ia, masculino, 17 anos

*Como você é hoje? Bem, eu... eu sou responsável. Às vezes os meninos da minha escola me consideram um bom jogador. Ah, é? Exatamente. E... têm uns que ficam me enchendo o saco. O que você acha de você? Que... tem vezes que eu gosto de mim mesmo, e tem vezes que eu não gosto de mim mesmo. Quando você gosta de você? Eu não sei... é, mas e às vezes que eu não gosto é porque eu sou azarado. Não tenho sorte em nada, só de vez em quando.*

Aa, masculino, 13 anos

*Como você é hoje? Olha... eu... eu agora sou...uma pessoa assim, não muito feliz, não muito feliz no bom sentido, não quer dizer que eu não sou pessoa infeliz. Eu sou uma pessoa que não ri... é, muito. Eu fico sério, eu falo firme. Eu sou uma pessoa que não admito brincadeiras de mau gosto, e também de brincadeiras inofensivas, também. Eu também não gosto de pessoas que mudam de assunto, quando eu falo uma coisa elas falam outra coisa, eu não gosto de pessoas que mudam de assunto. E não admito gente que vem falar comigo de maneira agressiva, eu fico assim, triste, fechado, tímido, às vezes bravo, chegando até a brigar com essa pessoa que falou comigo grosso.*

Ka, masculino, 18 anos

As descrições das características passadas, relacionadas à identidade evidenciavam crescimento físico e mudanças psicológicas:

*Como você era? No berço, tomava mamadeira aos cinco anos. Pequeninho. Era inteligente. Gostava de chupar chupeta.*

Oa, masculino, 21 anos

*Como você era? Pequeno, não tinha pêlos ainda. O rosto... acho que tinha uma maçã. A maçã era aqui. Onde era a maçã do rosto? Aqui, nesta região (indico em mim). Você tinha e não tem mais? Não tem. Agora tinha narizão. Mas, e antes? Bebê.*

Fa, masculino, 15 anos

*Como você era? Era um pouco bravo. O que mudou em você? Antes eu era impaciente, agora não sou mais.*

La, masculino, 18 anos

*Como você era? Bem, acho que eu era sapeca..., e era ingênuo.*

Aa, masculino, 13 anos

*Como você era? Um menino tímido e acanhado, mas mesmo assim muito inteligente do mesmo jeito. Bem quando entrei na primeira série eu conheci um menino chamado A; até hoje ele é o meu amigo, até hoje eu estudo na classe dele, quer dizer da primeira à sexta série eu estudei na classe dele e este ano eu retornei. Ele é que nem eu, inteligente, só que ele é mais briguento, menos carismático.*

Ia, masculino, 17 anos

A identidade do eu projetada no futuro foi representada pelas modificações físicas e pela atividade profissional, porém sem consideração real da trajetória a ser percorrida.

Como você será? *Profissional! Técnico, de computador, eletrônica. Em geral, consertar todos os meios de comunicação. Quais são? Computador, televisão, telefone, rádio, que mais? Em geral, todos os meios de comunicação. Pra eu ganhar bastante dinheiro e comprar esses 'carrão' que delegado tem. Carrão tipo Astra, Vectra, Marea, sei lá, tipo viatura. Do que será que você vai gostar de fazer? Namorar, casar. Desculpa falar essas coisas. O que você vai precisar fazer para conseguir tudo isso? Estudando muito. Fazer uma escola técnica. Não vou fazer nem colegial, nem faculdade; vou fazer uma escola técnica. Eu vou trabalhar, ganhar meu dinheiro, comprar esses 'carrão'. Ganhar meu dinheiro também para pagar as coisas da festa do casamento, tipo assim, Coca-cola, Guaraná, Fanta, Soda, tudo isso. Sabe por quê? É que eu tenho uns primos que já estão quase casando.*

Ba, masculino, 13 anos

Como você vai ser no futuro, quando você for um homem? *Trabalhar com língua portuguesa e inglesa. Como você se imagina? Imaginando, parece que vai ficar difícil entrar numa faculdade, porque muitas dessa cidade são tudo privadas, acho que eu tenho que estudar numa universidade pública. Por causa do pagamento? É, que eu vi... tem umas propagandas que um rapaz deixou quatro vezes uma faculdade por falta de dinheiro e teve que entrar em uma pública.*

Da, masculino, 14 anos

Como você será? *Um homem. Gigantão, valentão, trabalhador, trabalhar muito, estudar muito e crescer mais.*

Ma, masculino, 19 anos

Como você será no futuro? *Eu espero que além de filósofo... lingüista, desenhista, especialista em lingüismo, história e geografia. Para dizer a verdade, eu até que queria fazer uma carreira política, para dizer a verdade, mas eu ainda não penso muito nisso, para dizer a verdade, eu penso mais na filosofia. Eu também queria viajar muito, antes eu queria ser guia de turismo, só que aí eu me interessei mais pela filosofia. Tem muitas coisas que você quer fazer. O que você vai precisar fazer para atingir todos esses objetivos? Primeiro eu tenho que estudar muito filosofia. Eu já sei geografia e história, agora falta filosofia. Em seguida,*

*com lingüismo seria também fácil, eu adoro estudar a origem das palavras. Escritor porque, como eu vou ser filósofo, eu também queria escrever alguns livros. Também desenhista, eu adoro desenhar, eu queria fazer fanzines; mais que fanzines, eu queria fazer HQ's de verdade, mas por enquanto o que eu quero é fazer fanzines. Quanto tempo você acha que vai levar para estar com todas estas formações e especialidades? Primeiro, eu quero te dizer que eu posso demorar quatro ou até 10 anos, no mínimo uns quatro anos, pelo menos, até ser filósofo. Em seguida, eu queria lhe dizer também outra coisa, mas que não tem a ver com a pergunta. O que eu me interessa é com mangá, você sabe o que é mangá? É história em quadrinhos em japoneses, aquelas que se lêem de trás para frente, são preto e branco, às vezes também colorido, mas mais preto e branco.*

Ia, masculino, 17 anos

#### TEMA 5: HISTÓRIA PESSOAL E PASSADO

Os participantes do grupo síndrome de Asperger se surpreenderam com a questão sobre quanto tempo de vida teriam. Responderam pela quantidade de anos que consideravam vividos, que geralmente correspondia à própria idade.

*Quanto tempo você já viveu? Bastante tempo, desde 1988 até agora. Neste tempo que você viveu até agora, de quais acontecimentos você se lembra? O que eu lembro? Olha... é que eu chorava para ir à escola quando era pequenininho. É que minha avó levava eu na escola da Prefeitura, eu ficava lá chorando, berrando: 'Ah! Quero minha mãe... quero minha mãe...' Aí a servente: 'Cala a boca menino, vai assustar as outras crianças'. Que eu fui para o A G. e eu queria chorar, até vomitava lá.*

Ba, masculino, 13 anos

Quanto tempo você já viveu? *Dezenove tempos.*

Ma, masculino, 19 anos



Quanto tempo você já viveu? *Aonde? Na sua vida. Acho que é... calma aí, deixa eu pensar... acho que já quando eu nasci. Isso é muito tempo? É pouco tempo? Faz muito tempo...*

Ca, masculino, 14 anos

Quanto tempo você já viveu? *É, acho que já vivi mais ou menos uns 14 anos e 10 meses, no dia 21 de outubro vai fazer. Você acha que isso é muito tempo, pouco tempo, médio...? Ah, é pouco.*

Da, masculino, 14 anos

Algumas vezes o tempo de vida também foi considerado em função da memória.

Quanto tempo você já viveu? *Dez anos.*

La, masculino, 18 anos

*Obs.: La havia respondido sua idade corretamente no início da entrevista.*

Quanto tempo você já viveu? *Como assim? Quanto tempo você já viveu na sua vida? Quatro anos. Desde quando você acha que você viveu? Desde o... quatro, dos 13 até o 16, agora.*

Ha, feminino, 16 anos

Os detalhes ou fatos isolados caracterizaram as recordações apresentadas pelos indivíduos do grupo síndrome de Asperger.

Aconteceu muita coisa na sua vida desde que você nasceu? *Em 90 já morei em São Paulo. Acho que quando eu tinha dois anos, eu comecei a fazer fono, no Hospital das Clínicas. Aí comecei fazendo em 90 e... em*

*90, em 90 e... em 90 e... quatro, comecei estudar no J., naquela escola estudei lá de dois, iche! Em 95 e 96 estudei no EMEI, em 96 estudei no P. em 98 entrei no W.*

Ca, masculino, 14 anos

*Bom, nesse tempo todo é assim. Ah, vivi muito sobre, vivi muito, às vezes bri... né, brigando com o irmão do meio, eu fui muito bravo com ele. Também, pude ir a alguns passeios com as escolas que eu estudava. Teve também as vezes que eu fui no Playcenter quando eu era criança. Eu sempre tive orgulho de ir no Playcenter na minha infância, e também com a minha escola no ano passado.*

Na, masculino, 20 anos

Alguns recordaram 'hábitos' específicos (os movimentos ou atitudes repetitivas e estereotipadas) como algo muito agradável que faziam.

*Neste tempo que você viveu até agora, de quais acontecimentos você se lembra? Nem me fale, isto faria eu falar em um monte de coisas, entre elas que o meu pai estava na cozinha e eu estava próximo de um jogo de copos e também próximo de um mapa de geografia que ele usava quando ele... quando ele tinha a minha idade. Aí eu vi o Brasil em laranja e as terras do mundo em verde, o azul era o oceano, aí eu vi uma caneta hidrográfica, aí eu comecei a rabiscar, aí eu senti prazer por rabiscar mapas. Às vezes, o pessoal briga comigo porque eu rabisco mapas.*

Ia, masculino, 17 anos

*Eu já vivi. Eu já vivi, por exemplo. Você sabe qual que eu já vivi? Eu vivi, eu vivi... Você sabe qual os momentos inesquecíveis? Eu vivi a vida toda, eu vivi girando pelo mundo todo, pela minha casa, girando, girando, pra lá e pra cá.*

Ga, masculino, 16 anos

Você tem alguma recordação agradável das coisas que você viveu até hoje? *O que é isso, recordação agradável? Se você lembra de alguma coisa que foi gostosa, que foi legal, que você curtiu muito. O que eu curti muito quando eu era pequenininho, era ficar pedindo chave de carro, queria ver a chave, porque me... O que me chamava a atenção é que eu não queria entrar em carro nenhum. Mas, quando eu era pequenininho; porque agora, se eu pegar a chave vão achar que eu estou querendo roubar o carro deles.*

Ba, masculino, 13 anos

Alguns participantes negaram a presença de quaisquer lembranças consideradas desagradáveis.

Você tem alguma recordação desagradável das coisas que você viveu até hoje? *NÃO. Não. Nenhuma que você possa contar? Não.*

Fa, masculino, 15 anos

Neste tempo que você viveu até agora de quais acontecimentos você se lembra? *(Silêncio) Não lembro. Você tem alguma recordação agradável das coisas que você viveu até hoje? Não lembro. Você tem alguma recordação desagradável das coisas que você viveu até hoje? Nenhuma.*

Ea, masculino, 15 anos

## TEMA 6: PRESENTE

O "agora" foi considerado de três modos: o próprio momento da entrevista, outra atividade realizada no mesmo dia, ou a própria situação de vida.

- Momento

*Estou no salão conversando.*

La, masculino, 18 anos

*Aqui, dando entrevista.*

Ba, masculino, 13 anos

*Conversando contigo. Falando sobre o tempo.*

Ia, masculino, 17 anos

*Entrevistando.*

Fa, masculino, 15 anos

- Outra atividade do dia.

*Eu preparei um suco de laranja. Já preparei o café.*

Ca, masculino, 14 anos

*Tem oficina à tarde, que é coisa de arte.*

Ha, feminino, 16 anos

*Obs: Ha estaria na oficina de arte se não estivesse na entrevista.*

- Situação de vida.

*Estudando.*

Ja, masculino, 17 anos

*Eu estou estudando lá na E. L.*

Ga, masculino, 14 anos

Todos os participantes autistas consideraram sua vida atual a partir de fatos que vivem no cotidiano. Na maior parte das rotinas descritas os detalhes foram destacados.

*A minha rotina é que eu vou pra escola de manhã, volto, almoço, ouço música; na terça é a mesma coisa; na quarta é a mesma coisa; na quinta eu vou pra escola, telefono para minha tia; na sexta eu estudo, como doce; no sábado eu não faço nada; no domingo eu saio, faço lição.*

Ba, masculino, 13 anos

*Olha, minha rotina é sempre cuidar da casa, até as cinco horas quando eu saio da escola e quando eu chego, eu fico ali sentado, vejo televisão, alguns negócios e aí vou para a cama.*

Ka, masculino, 18anos

*A rotina na semana é que eu assisto televisão, leio tanto livro que eu consegui lá na escola. Lá em casa acho que eu tenho uns 48 livros. Aos poucos eu estou conseguindo mais ainda. Como é que é um dia seu? É que daí acordo, acho que... algumas vezes eu durmo tarde e acordo pelo menos perto das... 11. Tem vez que eu acordo perto das oito, nove horas. À tarde sempre vou à escola, quando não tem aula eu fico em casa, quando há alguma reunião de professor, feriado... E à noite, que coisas você faz? À noite eu assisto de novo a televisão e preparo para dormir.*

Da, masculino, 14 anos

*A única coisa que eu faço sair pra passear, é esperar por alguém vir pra minha casa, pra poder eles voltarem pra casa, pra dar mais tempo pra mim, pra eu viver em paz, pra eu viver sossegadinho, pra eu começar a dominar-me ou solitário, pra poder andar na rua sozinho. A melhor rotina do mundo vai ser pra mim mesmo, quando eu começar ir passear sozinho pra chegar até aqui. Eu vou deixar minha família satisfeita em casa, a minha mãe. Só quando eu tiver muito mais de dez anos. Isso mesmo!*

Ga, masculino, 16 anos

De segunda a sexta a vovó me acorda pra eu ir na escola. Eu começo a trocar, eu vou tomar café, sem demora, claro! Depois escovo os dentes, depois eu fico na sala esperando até chegar a perua pra eu ir na escola, aí eu fico lá. O perueiro busca, sabe, o perueiro busca os colegas e depois de horas finalmente chega à escola". Depois? "Aí eu chego lá, eu tenho a aula da primeira professora, tenho uma hora e meia de aula, depois quando bate o sino eu desce pro recreio, eu fico lá uns... meio, fico lá meio. Depois quando bata o sino eu volto lá pras outras aulas. E tem educação física terça e sexta e tem computação na quinta". Nos finais de semana o que você faz? "Eu fico em casa tranquilo, numa boa, sabe". Durante a semana depois que você volta da escola você faz o que geralmente? "Eu volto, quando eu chego da escola eu tomo banho, almoço, escovo os dentes, tomo banho, descanso, depois tomo café, gravo o programa. Depois, no caso eu faço lição de casa, depois janto, escovo de novo, durmo, descanso, aí depois do sono eu finalmente vou me prepara pra dormir. Todo dia.

Na, masculino, 20 anos

## TEMA 7: FUTURO

O futuro próximo foi retratado a partir da rotina já conhecida e por mudanças concretas.

Alguma coisa vai mudar no ano que vem? *Vai mudar. O*

quê? *O calendário. Mas, na sua vida? Não. Vai ficar tudo do mesmo jeito? Não. Vai mudar. O Presidente Luis Inácio Lula da Silva vai governar o Brasil.*

Ma, masculino, 19 anos

Alguma coisa vai mudar no ano que vem na sua vida? *Não. Mesma escola, mesmos amigos.*

Ea, masculino, 15 anos

Alguma coisa vai mudar no ano que vem na sua vida? *Vou para a oitava série. Tirar o diploma. O que significa isso para você? Vai ter baile. Os homens vão de gravata.*

Ba, masculino, 13 anos

Os indivíduos do grupo síndrome de Asperger apresentaram imagem de futuro estereotipada.

Como é sua vida hoje? *Boa. (...)* Como sua vida será daqui a 10 anos? *(...) Independente.* Como será você daqui a 30 anos? *Vou estar velho.* Como será você velho? *Um pouco rabugento.*

La, masculino, 18 anos

Tem alguma coisa que você queira muito que aconteça? *Que eu quero comprar um, ganhar um computador... O que você tem feito para conseguir isso? Eu fui lá na SOS computadores, preciso fazer um teste e ganhar um computador. Mas... acabei não ganhando.* O que é legal num computador? *Poder acessar sites, jogar no computador, e eu acho que vou comprar um CD-ROM. Mas um computador custa muito caro.*

Aa, masculino, 13 anos

Tem alguma coisa que você queira muito que aconteça? *Quem sabe, na escola, eu espero que eu consiga fazer*

*teste de laboratório para eu entender muito sobre a água, as formas líquidas e coisas relacionadas a como é esquentar um negócio no vidro. Na sua vida? Quem sabe, viajar nas férias e no carnaval, quem sabe também eu pretendo visitar uma cidade histórica na terra da vovó.*

Na, masculino, 20 anos

*Como é sua vida hoje? Eu gosto de fazer é o seguinte: sair, ir nas casas, sair na rua, brincar com os meus primos. Como sua vida será daqui a 10 anos? Trabalhando, trabalhador. Vou estar ganhando um dinheirinho. Daqui a 30 anos? Velho. De bengala.*

Ba, masculino, 13 anos

*Como será sua vida daqui a 10 anos? Vai ser muito fácil, vou crescer mais. Como é que você vai ser com 29 anos? Vou ficar "veio". Com barbicha e tudo. O que você vai estar fazendo? Trabalhando. Daqui a 30 anos? Você com 49 anos. Vou ficar "véiãõ".*

Ma, masculino, 19 anos

## TEMA 8: CONCEITUAÇÃO DE TEMPO

A maioria das respostas dos participantes do grupo síndrome de Asperger apoiou-se em definições sobre tempo cronológico, tanto de modo detalhado, como mais simplificado. A utilidade do tempo foi mencionada no sentido de organização de tarefas. Os instrumentos de marcação também foram citados, como relógio, ampulheta, calendário, e até mesmo a idéia de rotação. A sensação de uma duração ser rápida ou lenta foi considerada uma característica própria do tempo; porém, a idéia de que o



tempo pode ser relativo aparece em uma das entrevistas. Um dos participantes descreveu o tempo mitológico, e um outro associou ao clima atmosférico.

*O que é o tempo? Tempo é quando vai passando de tempo. O ano, os dias... o giro do planeta Terra. Posso construir coisas do futuro. Explique melhor. Os carros que não têm roda. Para que serve o tempo? Para passar, pode passar rápido ou devagar. Quando passa rápido? O ano de 2001 passou rápido. O que fez passar rápido? Os dias e o tempo. Quando é que o tempo passa devagar? Quando demora para construir prédios... demora para construir carros e casas e um monte de coisas. Quando você está estudando, quando você está aqui, ou quando você está em casa, você percebe o tempo passar rápido ou devagar? Devagar, quando eu estou no médico passa devagar. E, quando fica na piscina, passa rápido, no parque.*

Fa, masculino, 15 anos

*O que é o tempo? É legal. Você sabe o que é o tempo? Sei. Explique para mim. É um círculo de horas. Para que serve? Pra comer jantar e tudo que tem que fazer. Você usa bastante o tempo na sua vida? Uso. De que jeito? Rapidinho.*

Ma, masculino, 19 anos

*O tempo. Agora eu vou falar de outro deus. O Tempo, ou Saturno, ou Cronos, é o pai de Zeus ou Júpiter. O deus dos deuses. Ele havia castrado Urano, deus do céu, e se tornou soberano deste mundo. Só que aí se casou com... não sei se é Réia Silvia ou Réia Cibele. Eles tiveram vários filhos, entre eles Júpiter, Netuno e Plutão. Ele comeu, a não ser o mais novo, Júpiter. Só que aí, o Júpiter quando cresceu, enviou o Saturno, o tempo, para terras e devolveu seus irmãos. Mas o tempo, na verdade, junto com o espaço, forma o tempo-espaço. O tempo na verdade é quando as coisas passam, quando os momentos passam, tudo passa e tudo se movimenta. Tempo é também a medição dos momentos que passam, do passado, do presente e do futuro. Isso é que é o tempo.*

Ia, masculino, 17 anos

O que é o tempo? *Relógio, calendário, calculadora. Para que serve o tempo? Pra se orientar.*

La, masculino, 18 anos

Você sabe o que é o tempo? *Sim. Tempo tem... tempo de... tempo do céu que é ver se esse fica bom, se chove, se faz neblina, mais o tempo de hora é assim, mas eu acho que eu fico na escola pelo menos quase uma quatro horas, mais ou menos umas três horas e cinquenta minutos. Tem mais alguma coisa sobre o tempo? Que dai antigamente muita gente não tinha os relógio daí eles marcavam tudo com ampulheta. Para que serve marcar o tempo? Marcar o tempo parece que com as ampulhetas tem que esperar a areia cair e que pode passar uma hora. Se metade da areia caiu da ampulheta pode se dizer que passou meia hora. Para que serve marcar a hora? Marcar essa hora porque os cientistas percebem que o tempo..., às vezes parece que eu nasci quase uma década e meia.*

Da, masculino, 14 anos

O que é o tempo? *O tempo é..., o tempo é o tempo. Tenta explicar para eu entender melhor. O tempo é, por exemplo, é o que podem ver o que se passa na nossa vida. Uma hora tem sessenta minutos, um minuto tem sessenta segundos. É. Uma semana tem sete dias, um dia tem 24 horas, e um ano tem 12 meses, um mês tem 30, 31, 28 ou 29 dias, e uma década é dez anos um milênio é 1000 anos, um século é cem anos. Tem também o horário de verão e de inverno. No de inverno as noites levam mais tempo e no de verão os dias levam mais tempo.*

Aa, masculino, 13 anos

## TEMA 9: FINITUDE

A morte foi associada a fatores causais e a estereótipos.

Você sabe o que é morrer? *Vai pro cemi... vai parar no hospital. O que acontece com a pessoa quando ela morre? Estou pensando... acho que... acho que vai pro*

*céu, pro inferno vai o cara que fica fumando, eu não fumo não, mas eu bebo alguma coisa: Coca-cola, cerveja, assim. Bebi uma marca "Cronisbir" e Skincariol sem álcool, que não faz mal.*

Ca, masculino, 14 anos

*Você sabe o que é morrer? Que já está velho, quem fizer anos que ficam velhos. Estão deitados e mortos.*

Ea, masculino, 15 anos

*Você sabe o que é morrer? É deixar de viver, né? A pessoa morre por vários motivos: ataque cardíaco, pneumonia, é... uma queda de mais ou menos 410 metros, como o atentado do 11 de setembro do ano passado; mas tem gente que sobreviveu à queda. Ou também outra causa da morte parece que é derrame cerebral.*

Da, masculino, 14 anos

*Você sabe o que é morrer? Morrer? Morrer é quando uma pessoa sente muito doente, quando sente fraqueza. Quando? Uma pessoa com mais de cem anos que falece. Primeiro ela fica falecida. Depois chega a ser pálida e morre. Os cabelos ficam tão brancos que a pessoa morre. Morrer é uma coisa grave que acontece. Morrer é um sentido muito grave, é morte que chama isso. Minha mãe não sabe o que é, eu sabia o que era. Morrer dá uma doença danada, que nem diarreia; pior que uma diarreia. Dói muito e faz todo mundo sentir saudades de uma pessoa que foi pro céu. Morrer é uma pessoa perder vida. Isso mesmo.*

Ga, masculino, 16 anos

*Você sabe o que é morrer? Quando a pessoa está muito doente e fica muito na cama, assim. Ela morre, né? É enterrada.*

Ha, masculino, 16 anos

Em um único dos casos avaliados, a possibilidade da própria morte surgiu para o participante, com muito incômodo, ao relatar acontecimentos passados:

Quanto tempo você já viveu? (Pensa) *Muito*. Neste tempo que você viveu até agora, de quais acontecimentos você se lembra? (Pausa) *Me lembro do Natal... Foi bons tempos. Na época que eu estudava de manhã. E, quando eu fui para a minha primeira excursão. Esses também foram momentos bons? Hum, hum. Mas acho que você não devia ter feito esta pergunta. Parece que eu irei... morrer.*

Aa, masculino, 13 anos

### **Indivíduos do grupo de comparação**

#### TEMA 1: TERMOS TEMPORAIS

Os indivíduos do grupo de comparação queixaram-se, no decorrer dessa atividade, da dificuldade que sentiram para encontrar uma definição para os termos apresentados. Todos relataram que apesar desses termos serem constantes na vida diária, não é comum se refletir a respeito deles. Todos identificaram os vocábulos como termos temporais, mas com variação no tipo de resposta.

Definição pelo uso cotidiano:

*Cedo: É antes do combinado. Frase: Hoje eu acordei cedo.*

Kc, masculino, 18 anos

*Presente: É hoje. É o tempo que a gente está vivendo. Frase: A única coisa que eu posso falar é pra viver o melhor possível. Aproveitar o presente.*

Mc, masculino, 19 anos

*Cedo: Início de uma coisa. Frase: É cedo que se começa.*

Ec, masculino, 15 anos

*Tarde: Uma coisa que você ia fazer, só que demorou demais para fazer. Frase: Eu acordei tarde demais hoje.*

Bc, masculino, 13 anos

Uso de sinônimos e antônimos:

*Cedo: Os primeiros momentos de um período. O oposto de tarde.*

Oc, masculino, 21 anos

*Passado: Quase a mesma coisa que antes. Tem que lembrar as coisas boas, as ruins você guarda e tranca.*

Gc, masculino, 16 anos

*Agora: Momento.*

Fc, masculino, 15 anos

O chavão "*nunca diga nunca*" foi utilizado por vários indivíduos para exemplificar o termo 'nunca'.

O termo 'agora' também foi utilizado em sua própria definição:

*Agora é agora. Agora é que nem o presente, é igual o presente. É exatamente igual ao presente, é exatamente a hora que a gente está vivendo.*

Mc, masculino, 19 anos

*Agora, agora é agora.*

Ac, masculino, 13 anos

Alguns indivíduos do grupo de comparação ofereceram respostas totalmente subjetivas:

Futuro: *Indefinição. Frase: Nós fazemos o nosso futuro.*

Fc, masculino, 15 anos

Tarde: *Uma palavra demorada. "É muito tarde para..."  
Uma coisa que vai demorar muito.*

Ic, masculino, 17 anos

Passado: *Lembranças. Frase: O passado já foi.*

Ec, masculino, 15 anos

Tarde: *O que você fez, está feito, é tarde para mudar.  
Frase: Agora é tarde pra estudar pra prova.*

Hc, feminino, 16 anos

Cedo: *Uma coisa que você já fez ou ainda está fazendo,  
mas ainda tem muita coisa pra você fazer.*

Gc, masculino, 16 anos

Futuro: *Algo relacionado com seu planejamento. Frase:  
Eu tenho um futuro bem planejado. e Nunca: Palavra  
de pessoa pessimista.*

Jc, masculino, 17 anos

Para a maioria dos participantes do grupo de comparação a definição dos termos 'antes e depois' apresentou conotação temporal, que se manteve nas frases formadas. Entretanto, houve respostas de conteúdo

espaciotemporal e até mesmo espacial, cujas frases variaram tendendo a um estilo temporal:

-Temporal

Depois: *Daqui a pouco.* Frase: *Depois eu vou assistir uma aula.*

Kc, masculino, 18 anos

Antes: *O passado.* Frase: *Antes eu era uma criança.*

Ec, masculino, 15 anos

-Espaciotemporal

Antes: *O que é anterior a uma coisa. O que vem em primeiro lugar.* Frase: *Antes de eu ir para a escola, eu tomei café.*

Oc, masculino, 21 anos

Depois: *Uma coisa que vem após. Por exemplo, estamos conversando; é uma coisa que vem depois da nossa conversa.*

Cc, masculino, 14 anos

-Espacial

Antes: *É... eu aprendi. É uma coisa que está vindo.*  
Frase: *O menino está antes de mim.* e Depois: *Uma coisa que vem depois de mim.* Frase: *Depois eu vou embora.*

Ac, masculino, 13 anos



## TEMA 2: NOÇÃO DE PERÍODO

Os indivíduos do grupo de comparação mantiveram um mesmo perfil de respostas no qual ressaltaram a importância de cada período e a valorização das modificações que podem ocorrer na vida de acordo com a extensão de tempo, seja menor ou maior. As respostas de conteúdo cronológico e a repetição das mesmas tarefas conforme a amplitude de tempo também foram fornecidas, mas com aparência de trivialidade.

*Dia: Sei lá. Um dia. O que se pode fazer? Várias coisas. Almoçar, beber água, fazer seus deveres.*

Bc, masculino, 13 anos

*Ano: É bastante tempo. Em um ano dá pra fazer bastante coisa. O que se pode fazer? Cada ano que passa você vai ter evoluído mais, né? Você vai estar mais ligado no que você faz. No fim do ano você se prepara pro ano que vem.*

Gc, masculino, 16 anos

*Mês: Mês é um pedacinho do ano. O que se pode fazer? Um mês dá pra fazer bastante coisa, se bem que ele tem passado rápido pra mim.*

Mc, masculino, 19 anos

*Década: Obviamente são dez anos. É um tempo mais longo que não passa tão rápido, eu acho. Até porque eu não tenho muita noção; a última década parece que foi há muito tempo. O que se é possível fazer neste período? Praticamente dá pra montar a vida, viver, não sei. É muito tempo.*

Kc, masculino, 18 anos

Ano: *É um período longo, mas pode passar rápido.*

Nc, masculino, 20 anos

Dia: *É o tempo que estou acordado. Das seis às 10 da noite.*

Lc, masculino, 18 anos

Ano: *Ano já é uma parte da sua vida. É uma coisa que se você passa, esse ano, é uma parte da sua vida, já. Se você a construiu durante um ano, o próximo ano vai ser o que você construiu nesse um ano que passou.*  
Década: *São dez anos. Está ligada à vida também. Mas, está ligado a fatos históricos, essas coisas assim.*

Dc, masculino, 14 anos

### TEMA 3: ORIENTAÇÃO TEMPORAL

Os participantes do grupo de comparação apresentaram orientação temporal, em relação à idade, dias da semana, dia do mês, ano e períodos do dia, de modo homogêneo e através de relatos sucintos.

O que você já fez hoje? *Dormi muito. Estava sossegado, mais tarde eu vou trabalhar, então fui descansar. Você costuma acordar muito cedo? É, seis horas da manhã para ir para a escola, e vai o dia todo até as seis da tarde. O que você vai fazer ainda hoje? Vou trabalhar.*

Cc, masculino, 14 anos

O que você está fazendo agora? *Sentada (Ri). Sentada, ajudando você num trabalho de noção de tempo. O que você já fez hoje? Fui para escola, só. O que você vai fazer ainda hoje? Vou tentar fazer um bolo em casa. Eu nunca fiz pão-de-ló e vou tentar fazer hoje. Que dia foi ontem? Terça-feira. O que você fez ontem? Fui pra*

*escola e depois pro coral, que eu faço curso de coral. Que dia é amanhã? Amanhã é quinta-feira. O que você vai fazer? Só vou pra escola, só. Nada de bom, nada de diferente.*

Hc, feminino, 16 anos

*O que você já fez hoje? Acordei, tomei banho, tomei café e saí. O que você vai fazer ainda hoje? Ainda não sei, sei que vou ficar em casa.*

Nc, masculino, 20 anos

#### TEMA 4: IDENTIDADE DO EU

As respostas do grupo de comparação, nesta temática, revelaram principalmente as características emocionais, valores pessoais e interesses. Os aspectos físicos nem sempre foram mencionados.

*Como você é hoje? Como assim, fisicamente ou psicologicamente? Do modo que você quiser falar. Sou uma pessoa calma, que não gosta de ficar muito parada. Gosto de ficar com a família, não gosto de ficar sozinho nunca. Só um dia ou outro que eu gosto de ficar sozinho; também, ficar todo dia com muita gente, não pode ficar pensando, sabe... muito em mim mesmo. Também sou alto, moreno, olhos castanhos.*

Dc, masculino, 14 anos

*Como você é hoje? Eu me acho um pouco arrogante de vez em quando; sou meio nervoso também. E, às vezes, eu tenho, assim, umas maluquices que 'bate' na minha cabeça, mas nada de muito grave. Idiotice que faço, tipo zoar uma pessoa. Eu tenho amigo assim que... é gente fina, mas assim... é, tipo, fica enchendo uma pessoa bastante. É legal! (Ri) Assim, para mim, né. Que não estou sendo enchido, mas é legal para mim.*

Fc, masculino, 15 anos

Como você é hoje? *Um pouco mais responsável do que eu era antes. Pelo menos isso. Tento me esforçar, não me estresso com muita coisa; mas eu tento me esforçar o máximo que eu posso, nas coisas que eu faço. Acho que é mais ou menos isso.*

Mc, masculino, 19 anos

Como você é hoje? *Sabe que eu não sei? Tipo, eu prefiro que as pessoas digam isso. Se você for ver, vai falar, eu não sou uma pessoa ruim e também não sou uma pessoa boa. Então eu prefiro que as pessoas digam isso. Ah... eu só sei que eu tento ser uma pessoa legal, da melhor maneira possível.*

Ic, masculino, 17 anos

Em relação ao passado, relataram um amadurecimento progressivo e foram mais críticos sobre si mesmos.

Como você era? *Eu era brigão. Brigava com todo mundo.*

Ec, masculino, 15 anos

Como você era? *Eu zoava, aprontava bastante. Dava trabalho para os meus pais. Acho que isso.*

Nc, masculino, 20 anos

Como você era? *Eu era 'mó' levado, arrumava briga por tudo. Teve uma época que eu fui revoltado com a vida, por causa da morte do meu pai. Eu andava só com os maloqueiros, começava a querer brigar, tocava campainha na casa de vizinho e saía correndo. Não era um menino mau, eu era uma pessoa divertida que gostava de aproveitar a vida.*

Gc, masculino, 16 anos

Sobre o futuro, mencionaram ter família e uma atividade profissional satisfatória. Houve também a idéia de que irão assumir mais compromissos. Falaram em expectativas, pois sabem que não é possível prever o futuro.

*Como você será? Espero ter uma profissão. Um bom trabalho. Quero estudar veterinária ou zootecnia. Tenho que correr atrás agora. Quero casar, ter filhos, ter um lugar tranquilo para morar. A rotina.*

Nc, masculino, 20 anos

*Como você será? Sei lá. Pretendo ser bem de vida. Com condições financeiras boas. Curtir a vida deixar as coisas correrem com o tempo, não acelerar as coisas.*

Cc, masculino, 14 anos

*Como você será? Uma pessoa muito otimista, eu acho. Eu vou querer ser atriz; então, eu vou batalhar muito, muito, muito. Sei que é difícil.*

Hc, feminino, 16 anos

*Como você será? Ah, eu não sei. A gente planeja uma coisa e nem sempre acontece. Posso dizer que vou estudar bastante, quero seguir tal faculdade... pode ser que eu não consiga a faculdade, pode ser que eu não tenha dinheiro, pode ser que eu também não estude, pode ser que eu só trabalhe. Não saberia te dizer.*

Ic, masculino, 17 anos

## TEMA 5: HISTÓRIA PESSOAL E PASSADO

Os participantes do grupo de comparação também se surpreenderam com a questão sobre quanto tempo já haviam vivido. O tempo de vida, apesar de estar atrelado à idade, foi considerado no sentido de experiência. A sensação de ter vivido pouco ou muito apareceu em função das experiências já passadas.

Quanto tempo você já viveu? *Dezoito anos. O que significa para você? É bastante tempo. É pouco, perto do que muita gente já viveu, mas é bastante tempo. Já deu para aprender muita coisa. Já deu para eu ser quem eu sou. Já deu para eu me conhecer bem.*

Kc, masculino, 18 anos

Quanto tempo você já viveu? *Dos meus 16 anos, devo ter vivido uns 14. O que você chama de viver? Ah! Você fazer o que você está a fim. Você botar suas idéias para fora, você fazer o que você sente, né? Viver uma vida melhor. Não é só trabalhar, ter família e morrer.*

Gc, masculino, 16 anos

Quanto tempo você já viveu? *Dezesseis anos. O que significa? Acho que... não sei. Acho que já faz muito tempo. Já faz tempo, já. Já aprendi bastante coisa, deixei de aprender muita coisa. Fiz e deixei de fazer.*

Hc, feminino, 16 anos

Quanto tempo você já viveu? *Treze anos. O que significa? Ah! Ainda é pouco. Eu ainda estou aprendendo, me considero uma criança. Só.*

Ac, masculino, 13 anos

As recordações de fatos agradáveis ou desagradáveis foram reveladas tanto através de eventos corriqueiros como excepcionais. As

lembranças desagradáveis também foram reconhecidas, por alguns sujeitos, como as mais marcantes. A noção de evolução no sentido pessoal apareceu quando recordaram do passado.

Neste tempo que você viveu até agora você tem recordações agradáveis? *Tenho, deixa eu lembrar. Bom, quando eu tive que levar ponto no queixo, eu lembro como uma coisa agradável: é engraçado. Porque, apesar de ter doído bastante, eu levei, acho que sete pontos, nós estávamos brincando de 'duro ou mole', então, foi engra.., depois todo mundo riu. O outro estava parado e eu tropecei e cai com tudo. O outro estava parado eu fui correndo, estava escuro e eu caí. Não, mas tem muita coisa, assim, tipo quando reúne a família assim... a gente fazia música, canta, fala. Você percebe mudanças em você ao lembrar dessas situações passadas? Ah, acho que muda, porque você deixa de fazer algumas coisa, eu estou trabalhando, eu estudo. Então, você deixa de fazer algumas coisas que você gostava de fazer, porque você tem que dar prioridade para o que você está fazendo hoje. Muda, você tem um ponto de vista diferente e sempre que lembra é engraçado: 'Poxa, eu fazia aquilo!'. É legal.*

Oc, masculino, 21 anos

Você se lembra de muitas coisas? *Lembro. Você se lembra de coisas agradáveis? Ah, bom, lembro de muitas coisas agradáveis. Quando eu era pequeno eu não podia usar tênis, eu usava aquelas botinhas ortopédicas, então quando eu tirei aquelas botinhas ortopédicas quando eu tinha nove anos foi um negócio que eu gostei muito. Porque nunca tinha usado tênis, sempre botinha, me senti muito melhor. Me senti uma pessoa comum, porque antes me sentia um estranho, né?*

Lc, masculino, 18 anos

*Lembro basicamente das coisas mais importantes da minha infância, meus contatos com as experiências que eu me lembro bastante. Acho que principalmente com as experiências mais desagradáveis, porque é quando você começa a viver.*

Jc, masculino, 17 anos

Você tem recordações desses 20 anos? *Não me lembro de muita coisa. Você tem recordações agradáveis? Tenho. Lembro uma vez que eu estava na praia com meu primo e meu irmão e nos perdemos de bicicleta. Eu era criança. Foi a polícia que nos achou e nos levou para casa. Lembro também um carnaval que eu passei na mesma praia, foi divertido. (...) Você se recorda de alguma coisa desagradável? Desagradável? É, eu repeti o ano. Foi péssimo, mas você tem que pensar que você vai conseguir e enfrentar; ou então, não tem como.*

Nc, masculino, 20 anos

Você se lembra de muitas coisas? *Já, um monte. Eu acho que, quando eu tinha três, sabe aqueles remédios que você põe na língua e tem que ficar olhando pro sol? (vacina) Daí pra frente eu lembro de tudo. Você tem alguma recordação agradável? Quando eu ia na casa da minha avó. Eu ainda vou, só que antes tinha um pé de cafezal, só que ela cortou. Tem alguma coisa desagradável que você se lembre? Quando eu estava no pré. Eu tinha uma professora que dava aula de ginástica e eu não gostava dela. Ela era muito chata.*

Ac, masculino, 13 anos

## TEMA 6: PRESENTE

O "agora" foi interpretado tanto como situação de vida atual, quanto como situação de entrevista.

- Momento

*Agora? Agora, eu estou conversando contigo.*

Kc, masculino, 18 anos

*Sentada (Ri). Sentada, ajudando você num trabalho de noção de tempo.*

Hc, feminino, 16 anos



*Acredito que estou dando uma entrevista.*

Fc, masculino, 15 anos

- Situação de vida

*Eu treino ginástica olímpica e ginástica acrobática no colégio e fora do colégio.*

Dc, masculino, 14 anos

*Estudando e trabalhando.*

Nc, masculino, 20 anos

*Estudando por enquanto. Mais pra frente eu quero começar a trabalhar, fazer cursos na área da computação.*

Ec, masculino, 15 anos

As rotinas foram relatadas de modo objetivo e através de compromissos semanais. No entanto, alguns participantes detalharam sua narrativa enfatizando atividades consideradas importantes.

*Bem, é sempre cansativo. Acordo, vou pra escola. Chego da escola, tenho que cuidar da casa. Ajudo a minha mãe, né, que a minha mãe trabalha. Então, ajudo quando eu chego em casa. Depois, em alguns dias eu faço curso de música. É pelas duas, duas e meia; depois quando dá umas sete eu volto pra casa, faço lição que tiver pra fazer. Depois curto um pouquinho de televisão. Quando tem alguma coisa pra fazer em casa, eu faço. É isso. Depois, tomar banho, comer e dormir. Tem também, de terça e de quarta, que eu faço um outro curso perto da estação Vergueiro. É um outro curso de música. Final de semana eu não saio, fico em casa.*

Ic, masculino, 17 anos

*Em casa eu jogo muito videogame; gosto bastante de comer; estudo e faço lição. Eu estudo de manhã, em alguns dias, à tarde, eu estudo espanhol.*

Ac, masculino, 13 anos

*Ah, eu vou pra escola de manhã. Depois, de terça e quinta, eu faço inglês, às três horas; de terça e sexta, às seis horas, eu faço caratê e, depois da escola, eu chego em casa, almoço, vejo um pouco de TV, faço a lição e jogo videogame. Nos finais de semana? Ah, eu só brinco.*

Bc, masculino, 13 anos

*Vou para escola. Aí depois eu almoço, depois eu vou treina. Aí às vezes eu vou treina de novo na escola. Todo o dia é essa rotina? Segunda, quarta e sexta.*

Dc, masculino, 14 anos

## TEMA 7: FUTURO

Os indivíduos do grupo de comparação descreveram o futuro no sentido de expectativas quanto à realização pessoal e profissional e ao caminho a ser seguido; porém com noção de imprevisibilidade, posto que o futuro não é dependente apenas da vontade. A velhice foi considerada como muito distante, porém real.

*Como é sua vida hoje? Eu estou gostando do dia-dia, de trabalhar; eu comecei a trabalhar esse ano. Eu estou normal, sossegado. Como você será daqui a 10 anos? Como você se imagina com 24 anos? Pode mudar algumas coisas com relação a trabalho, vai melhorar ou piorar, sei lá. Mas... vou ter uma cabeça de repente mais madura, porque eu sou novo, mas o pensamento, acho que vai continuar a mesma coisa.*

Daqui a 30 anos? *Aí, já vou ser bem mais maduro. Aí acho que o pensamento muda algumas coisas.*

Cc, masculino, 14 anos

Como é sua vida hoje? *Um pouquinho agitada demais. Mas é boa. Eu gosto dela. Eu tenho... eu diria, assim, que a coisa que eu mais sinto falta é estar perto da minha família, que eu não estou. Mas de resto, tudo é bom, apesar dos pesares. Como você será daqui a 10 anos? Como você se imagina? Provavelmente casado. Tomara. Não sei se é tomara mas, enfim, provavelmente casado, se Deus quiser, com a carreira já encaminhada. Filhos talvez. Enfim, uma vida tomara que estável. Daqui a 30 anos? Bom, com os filhos um pouco mais crescidos. De preferência a carreira um pouco mais bem andada. É... não sei, acho que eu vou ter mais tempo para mim, daqui a 30 anos.*

Mc, masculino, 19 anos

Como é sua vida hoje? *Está bom, não tenho que reclamar. É isso tudo que eu já falei. Como sua vida será daqui a 10 anos? Mais maduro, garantindo meu futuro. Daqui a 30 anos? Ah, não sei. Acho que só consigo imaginar isso mais pra frente. Está muito longe.*

Nc, masculino, 20 anos

## TEMA 8: CONCEITUAÇÃO DE TEMPO

As várias possibilidades de explicação de tempo são oferecidas pelos membros do grupo de comparação; desde as mais objetivas às mais subjetivas. O tempo foi relacionado às fases de vida, num sentido totalmente pessoal. O tempo inventado pelo homem foi distinguido do tempo sentido; a passagem do tempo da vida foi colocada como independentemente da vontade das pessoas e como a possibilidade de registro de momentos importantes.

O tempo? O que é o tempo para você? O tempo? É difícil de definir. Ah, não sei, o tempo eu acho que é uma coisa inventada, não sei. É meio difícil de definir o que é tempo mas, pra mim, existe o presente; o passado não é nada mais que só lembranças. Não é nada que exista de verdade: são só lembranças que estão na sua cabeça. O futuro também está dentro da nossa cabeça, mas é o que a gente espera; então, não é que existe, é o que a gente espera que exista.

Mc, masculino, 19 anos

O que é o tempo para você? Ah, que... não dá para as pessoas 'controlar' o tempo, ele nunca pára. Como você percebe o tempo? Não sei. É que você tem que contar como tempo pra tudo, pra fazer as coisas.

Bc, masculino, 13 anos

O que é o tempo? O tempo? Tempo hora? Tempo passado, presente, futuro? Todos que você puder falar. Vim pensando que você me perguntaria algo assim. Bom, quando a gente quer que as horas passem, as horas não passam. Quando a gente quer que as horas andem devagar, elas não andam devagar. Mas eu diria que o tempo acontece conforme a gente vai vivendo ele, né? Então, o tempo passa da maneira que a nossa vida vai passando. Então, a gente não pode querer que ele passe rápido porque, com certeza, vai passar. O tempo, ele tem uma determinação para cada pessoa. Se bem que tem horas que você olha pra uma pessoa e diz: 'Como o tempo passou! Eu era um toquinho, um tamanhinho de gente, agora eu já estou assim.' Mas são coisas psicológicas. O tempo passa da maneira que ele passa. A gente é que não percebe que não passou.

Ic, masculino, 17 anos

O que é o tempo? O tempo pra mim só é percebido quando não se está ocupado. Aqui, agora, eu nem percebo. Às vezes demora pra passar, às vezes, passa voando; depende de cada um.

Nc, masculino, 20 anos

## TEMA 9: FINITUDE

O grupo de comparação se referiu à morte como algo natural; porém, não menos trágico. Consideraram fazer parte da vida, como o fim, o término; também houve descrições de medo, tristeza, espiritualidade, visão da morte como um início de outra vida, dúvida, sensação de perda de contato, ausência de vida de emoção.

*Você sabe o que é morrer? Morrer é quando você passa do corpo e sangue para o espírito. Do céu, você passa para o seu corpo e espírito.*

Cc, masculino, 14 anos

*Morrer: o que é isso para você? No momento, seria péssimo. Mas eu não tenho medo de morrer, quando chegar a hora, tudo bem. Só ter vivido o melhor possível. Não exatamente, mais tempo, mas da melhor maneira. Eu já perdi bastantes pessoas, mas não que eu não gost... que eu goste da idéia, mas nunca foi nada de mais para mim.*

Mc, masculino, 19 anos

*Você sabe o que é morrer? O que é para você? Ah, acaba a vida.*

Bc, masculino, 13 anos

*Você sabe o que é morrer? Bem, eu acho que morrer, tem que se conformar, porque um dia a única coisa que nós temos certeza de que vai acontecer, é isso: a morte. Cedo ou tarde ela vem. Quanto mais tempo você vive, mais perto dela você está. Entendeu? Assim, a morte de alguém que você gosta é sempre dolorosa; então, você vai, fica triste, porque você não quer que aquela pessoa se vá, né? No caso, se eu morrer, pra mim isso vai ter que ser uma coisa normal, vai acontecer mesmo, pode não ser legal pra quem gosta de mim. Eu vejo a morte como uma coisa natural, como nascer.*

Oc, masculino, 21 anos

## **Comentários**

A partir das descrições das entrevistas dos dois grupos pôde-se constatar, quanto aos temas abordados, uma série de peculiaridades concernentes a cada grupo que os caracterizaram de modos diferentes.

Seguindo a seqüência de apresentação, em relação aos termos temporais, os vocábulos apresentados, na lista de número 'um', foram identificados por ambos os grupos como termos essencialmente temporais. As definições formais foram freqüentes nas respostas dos indivíduos do grupo 'síndrome de Asperger, mas esse grupo também utilizou o conhecimento dessas palavras em seus modos de uso cotidiano. O grupo de comparação, por sua vez, revelou de maneira unânime a dificuldade para o fornecimento de uma definição formal para os termos, apesar de conhecidos, e apresentaram respostas extremamente pessoais.

O 'antes' e 'depois', caracterizados como termos de sentido duplo, isto é, espacial e temporal, também foram definidos pelos dois grupos em seus dois modos de compreensão. No entanto, constatou-se no discurso dos participantes do grupo de comparação uma tendência maior pela definição no sentido temporal.

Os períodos apresentados na lista 2, que representavam referências bastante utilizadas, foram definidos cronologicamente pelos participantes do grupo síndrome de Asperger. A quantificação em minuto, hora, dia, mês e ano foi a 'regra' básica e geral presente neste grupo. A exemplificação de atividades adequadas a cada período apoiou-se na experiência diária tanto para períodos mais curtos como para os mais longos, os quais poderiam ser preenchidos com a multiplicação de uma atividade desenvolvida em um período menor. Os indivíduos mais velhos do grupo síndrome de Asperger também associaram aos períodos de tempo mais

longos, as transformações físicas e os acontecimentos ocasionais, como datas comemorativas.

Quanto aos indivíduos do grupo de comparação, a obviedade das definições formais, na maioria das vezes, veio acompanhada de uma segunda resposta de cunho pessoal. Os períodos apresentados foram valorados pelo grau de mudança que possibilitam à vida.

Todos os participantes do estudo se apresentaram orientados no tempo. A essa questão foram associadas descrições tanto da rotina semanal, como das atividades do próprio dia da entrevista e, nesse sentido, os grupos se diferenciaram apenas pelo modo de relatar. No grupo síndrome de Asperger as atividades diárias e as vividas até aquele momento foram detalhadas minuciosamente e, as que ocorreriam posteriormente, foram citadas apenas quando pertencentes à rotina, uma vez que sentiam dificuldade em antecipar o que ainda poderia ser feito no decorrer daquele dia ou nos períodos futuros. O grupo de comparação, de modo geral, apresentou descrições sucintas tanto para a rotina diária, como sobre o próprio tempo da entrevista, incluindo o que fariam posteriormente.

A noção de identidade apresentada pelos participantes do grupo síndrome de Asperger, no transcorrer dos tempos 'passado – presente – futuro', se constituiu essencialmente das características físicas. Os aspectos psicológicos foram espontaneamente mencionados em relação ao passado e recordados como próprios daquele momento e não mais cabíveis na vida atual pelo impedimento de fatores externos. Nesse sentido, quanto ao futuro, mostraram-se como espectadores da certeza -estereotipada – do crescimento físico, da profissionalização e da velhice. Já os participantes do grupo de comparação apresentaram noção de identidade a partir da idéia de continuidade, que vinda de um tempo passado caminha em direção ao futuro, incerto, apesar do desejo pessoal. Houve uma priorização das características

psicológicas e os aspectos físicos, geralmente, foram mencionados mediante o questionamento da entrevistadora.

A questão sobre o tempo de vida suscitou respostas de ordem cronológica para os indivíduos do grupo síndrome de Asperger. Alguns, por outro lado, delimitaram o tempo de vida em função da memória, ou seja, o tempo-vivido foi demarcado pela lembrança mais remota. Para os indivíduos do grupo de comparação, o tempo de vida, mesmo que mencionado cronologicamente, trazia um significado evidenciado. A menção sobre ter vivido muito ou pouco variou de acordo com a história pessoal. Vivências marcadas por experiências mais intensas e sofridas foram consideradas representativas de um tempo-vivido mais longo.

A recordação de acontecimentos marcantes no decorrer da história de vida, definidos pela entrevistadora como agradáveis e desagradáveis, para o grupo síndrome de Asperger consistiu da evocação de fatos da infância e as recordações desagradáveis foram negadas pela maioria do grupo. Já em relação aos indivíduos do grupo de comparação, a recordação de acontecimentos desagradáveis foi considerada como mais marcante e de mais fácil evocação do que as agradáveis.

As questões que diziam respeito ao tempo presente foram representadas por descrições de vivências atuais e cotidianas por ambos os grupos. A diferença fundamental situou-se no fato do grupo síndrome de Asperger, geralmente, ter mantido o relato concentrado nos detalhes e na situação, enquanto os indivíduos do grupo de comparação mostraram-se generalistas e trouxeram a idéia de continuidade, mantendo um sentido, mesmo no tempo presente.

Os participantes do grupo síndrome de Asperger apresentaram uma imagem estereotipada sobre como seriam no futuro. Tanto o futuro próximo, como o futuro distante, foi retratado a partir de mudanças



concretas. Enquanto que a descrição de futuro dos participantes do grupo de comparação ocorreu a partir de seu significado. As imagens estereotipadas foram consideradas como o desejo de cada um e, em contraponto, havia a idéia de que, na realidade, o futuro seria um desconhecido a ser construído pelo empenho individual.

A pergunta direta sobre o que seria o tempo suscitou, de modo unânime, respostas de conteúdo cronológico pelos indivíduos do grupo síndrome de Asperger. O tempo foi apresentado como algo externo que pode ser mensurado e variado do ponto de vista conceitual. A duração relativa do tempo, ou seja, 'mais rápido' ou 'mais devagar', foi indicada como uma característica do próprio tempo. Em contrapartida, o tempo foi caracterizado amplamente pelos indivíduos do grupo de comparação diante dos diversos modos que o homem cria para se relacionar com ele.

A morte foi representada pelo grupo síndrome de Asperger a partir do senso comum como um acontecimento ruim associado ao que é perigoso e doloroso. No grupo de comparação apareceu o sentido da espiritualidade e da possibilidade da própria morte.

#### 4 **DISCUSSÃO**

O perfil de desempenho apresentado pelos participantes do grupo síndrome de Asperger diferenciou-se do grupo de comparação, fundamentalmente, em relação às tarefas de noção de tempo e aos temas relacionados à temporalidade. Para o desempenho cognitivo relacionado às provas aplicadas (subtestes Dígitos, Cubos e Vocabulário das escalas inteligência Wechsler), o grupo síndrome de Asperger apresentou desempenho satisfatório ao ser beneficiado pela possibilidade de aprendizado conceitual e formal. As diferenças significativas entre os grupos, neste caso, são mais qualitativas do que quantitativas. Quanto à prova atencional, o desempenho de ambos os grupos foi muito semelhante, estando a dificuldade relacionada ao controle mental de informações verbais.

Os participantes do grupo síndrome de Asperger identificaram alguns conceitos de noção de tempo limitados aos elementos espaciotemporais como tamanho, distância, velocidade, simultaneidade e sucessão. Nas atividades de caráter interpessoal, ou seja, nas tarefas "piagetianas" de tempo-vivido, essas referências físicas também foram ressaltadas no campo perceptivo, além de aspectos pessoais envolvidos na estimativa das durações, nas raras vezes. Contudo, todos esses elementos não foram integrados entre si. O grupo síndrome de Asperger estimou durações de tempo em função da quantidade de material produzido na atividade, enquanto que o grupo de comparação demonstrou desempenho consolidado na experiência intersubjetiva, com devida crítica a respeito dos

diversos aspectos objetivos e subjetivos que podem caracterizar a experiência de duração. No caso do grupo síndrome de Asperger, a questão não parece se resumir apenas a uma apreensão focal dos elementos envolvidos na interação com o ambiente, conforme propõe a teoria cognitiva, mas também em uma impossibilidade de experienciar todo e qualquer contato com o mundo de modo amplo.

Nos resultados desses participantes incluídos no espectro autístico não se evidenciou um tempo medido e um tempo sentido. O grupo, portanto, se caracterizou por uma noção de tempo que, ao diferir do grupo de comparação, provavelmente, difere da compartilhada pelas pessoas em geral.

Conforme ADES (2001) propõe a respeito da noção de tempo, a possibilidade de temporalizar ou promover estimativas das durações vividas está relacionada à afetividade, portanto, não apenas em função do conhecimento conceitual dos elementos espaciotemporais. Desse modo, considerando que haja uma falha de coordenação sensório-motora-afetiva no autista, conforme a proposta teórica de HOBSON (1989, p. 42-3), o comprometimento da noção de tempo seria coincidente neste sentido.

Os temas abordados em entrevista reforçam e ampliam esses achados. Em seus discursos, os participantes do grupo síndrome de Asperger mantiveram uma relação situacional e formal com o tempo considerando-o de modo conceitual e externo às pessoas, enquanto que os participantes do grupo de comparação demonstraram uma postura essencialmente pessoal, em uma relação próxima com sua condição temporal que, muitas vezes, até os impedia de apresentar respostas formais, embora se mostrassem críticos a respeito disso. A exemplo disso, as definições formais e conceituais de termos temporais foram fornecidas pelo grupo síndrome de Asperger com maior habilidade do que pelos participantes do grupo de comparação. A conceituação sobre o que seria o tempo foi

apresentada de modo semelhante, sendo que os participantes do grupo síndrome de Asperger apoiaram-se nas formas de mensuração para explicá-lo. O grupo de comparação considerou a questão como complexa, por envolver fatores objetivos e existenciais.

Os participantes do grupo síndrome de Asperger apresentaram-se orientados no tempo, fundamentalmente a partir de referências amplas, como os períodos do dia, os dias da semana e do mês, o próprio mês e o ano. Quanto à noção de períodos de tempo, esses participantes preencheram com as tarefas da vida diária tanto os períodos curtos quanto os períodos longos e a diferença entre ambos correspondeu à possibilidade de se repetir mais vezes qualquer atividade na segunda situação. Os indivíduos autistas mais velhos também mencionaram as mudanças físicas que podem ocorrer num período de tempo maior. Já o grupo de comparação considerou as mudanças significativas de vida que os longos períodos possibilitam. Este aspecto já traz algum indício no que concerne à temporalidade, pois, enquanto o grupo de comparação incorporou o significado vivido num determinado período e a perspectiva que a condição temporal cria na vida de cada um, todo esse sentido foi suprimido pelo grupo síndrome de Asperger, a partir de uma interação concreta e por conceitos espaciais.

No grupo síndrome de Asperger, a identidade do eu relacionada à temporalidade que, segundo JASPERS (2003, p. 148-54), corresponde à experiência de ser o mesmo no decorrer da transição do tempo, ao ser abordada, suscitou respostas ancoradas nas alterações físicas e psicológicas vividas. Os sujeitos desse grupo se diferenciaram do grupo de comparação por pouco utilizarem o pronome 'eu' mas, principalmente, por se mostrarem projetados no tempo futuro de modo extremamente estereotipado; não caracterizando um processo contínuo de amadurecimento.

Os participantes do grupo de comparação qualificaram o tempo de vida pela sensação de maturidade em relação à infância, relatando um processo contínuo de amadurecimento a ser percorrido. A intensidade de suas experiências pessoais demarcou a sensação de se ter vivido muito ou pouco, independentemente da idade. Os participantes do grupo síndrome de Asperger, em contraponto, definiram seu tempo de vida pelo tempo cronológico ou pela lembrança mais remota, nas quais os acontecimentos apareceram como fatos plausíveis que registraram a passagem do tempo.

O passado também se mostrou constituído por esse mesmo referencial, ou seja, através de fatos em si. Portanto, não caracterizado por um sentido em sua direção, conforme indica MERLEAU-PONTY (1990), mas pelo conceito de passado. Essa diferença parece bastante tênue, mas o passado relatado pelos indivíduos autistas deste estudo não apareceu projetado no momento atual, como no grupo de comparação. Neste último, a vivência de vida embalava o tempo presente, no qual todos os acontecimentos se mostram atrelados pela subjetividade, como na idéia de síntese de transição também proposta por MERLEAU-PONTY (1990, p. 567). É como se houvesse rupturas entre os diversos fatos vivenciados. A título de exemplo, um dos participantes do grupo síndrome de Asperger (Na, 20 anos, masculino), ao relatar seu dia anterior àquele da entrevista, contou

*Ontem, assim, ontem foi dia da eleição, eu tentei votar de manhã, só que a fila estava lotada, voltei para casa, almocei, depois o tempo passou, uma hora depois eu fui votar com a tia V. Aí, aí no dia... em que eu fiquei na fila, o fiscal me chamou pra que eu votasse, eu fiquei sentado. Aí eu fui indicado para votar e votei em 15 segundos.*

No trecho grifado há uma ruptura temporal e ele perde todo o sentido de continuidade. Desse modo, pode-se dizer que o passado apareceu concebido pelo grupo síndrome de Asperger como um tempo que já

foi, porém basicamente do ponto de vista conceitual. Os acontecimentos foram trazidos à tona; entretanto, faltou evidenciar a perspectiva vinda de um tempo remoto em direção ao futuro.

Essa perspectiva temporal restrita mostrou-se ainda mais evidente no tempo presente, o qual foi abordado por “agoras” vividos de modo situacional e sem continuidade com os eventos anteriores e subseqüentes. Segundo MERLEAU-PONTY (1999, p. 553-4), considerar o tempo como objetivo e em si mesmo, é restringi-lo a uma sucessão de “agoras”.

Os relatos quanto ao futuro confirmam esse aspecto, uma vez que não existe projeto – no sentido de construção pessoal – mas apenas a representação de fatos estereotipados, aparentemente vazios de conteúdo afetivo. O futuro é concebido e esperado como se fosse uma regra da vida que ocorre por si mesmo, e não como algo vivido. Não se constatou uma perspectiva de eu, como aquilo que move o indivíduo em direção a algo, mas a identidade do eu, reconhecida no tempo futuro pré-determinada, conforme já mencionado. De modo semelhante, a questão da finitude foi apresentada de forma impessoal no grupo do espectro autístico, enquanto que alguns dos participantes do grupo de comparação, utilizando sua capacidade de subjetivação, consideraram a possibilidade de continuidade de vida mesmo após a morte.

Os participantes do grupo síndrome de Asperger não se mostraram envolvidos por um sentido temporal, mas como experienciadores situacionais, e apresentaram uma restrição grave relacionada à temporalidade.

Na perspectiva teórica deste estudo a temporalidade propicia o sentido do percebido e do experienciado e conduz o indivíduo à subjetividade. Dessa forma, alguns dos aspectos que motivaram esse trabalho

podem ser mais bem compreendidos – como a presença de rigidez e de rituais – ligada à ênfase dada aos aspectos espaciais da noção de tempo. A intolerância à espera, a ansiedade pela mudança, o tipo de contato, desproporcional ao esperado, com alguém que não se encontra há muito tempo e a própria sensação (dos outros) de que autistas vivem 'sem tempo', mostram-se coerentes com as vivências momentâneas e aparentemente à margem do âmbito temporal.

A perspectiva teórica de HOBSON (1989, p. 24-32), ao compartilhar a idéia de que o sujeito em sua condição original seja constantemente 'voltado para o mundo' e propor que o autista apresente uma falha inata neste sentido, abre a possibilidade dessa restrição temporal estar relacionada ao seu pressuposto.

Essa restrição da manifestação da temporalidade implica uma limitada constituição de sentido do percebido, do vivido e da subjetividade no contato com o mundo. MERLEAU-PONTY (1990) considera a percepção como o terreno de toda e qualquer interação do sujeito com o ambiente e, a possibilidade dessa interação ter uma perspectiva, se dá fundamentalmente pela temporalidade.

Os resultados deste estudo, portanto, indicaram uma restrição grave relacionada à temporalidade no modo de interação do indivíduo autista consigo mesmo e com o ambiente, prejudicando o sentido e a sensação de continuidade de suas vivências, além da criação de perspectiva e do favorecimento de uma subjetividade também limitada.

## 5      **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados deste estudo, principalmente no que dizem respeito à noção de tempo, permitem uma analogia com dois dos tipos de tempo mitológico apresentados na introdução. Os participantes do grupo síndrome de Asperger, ao manifestarem sua apreensão de duração através de elementos conceituais e espaciais, representariam 'Cronos', o tempo cronológico que é impessoal, impõe limites e restrições às experiências. Já os indivíduos do grupo de comparação evidenciaram plenamente os aspectos de temporalidade e, conseqüentemente, de noção de tempo; portanto, representariam 'Kairós', o tempo da oportunidade, que surge justamente a partir da intersubjetividade. De modo bastante interessante, essa descrição dos gregos coincide com a condição temporal de ambos os grupos abordados.

Um outro aspecto que se evidenciou nos resultados deste estudo foi o modo saudosista que alguns dos participantes autistas demonstraram em relação a hábitos que faziam parte da infância, os quais foram evocados como acontecimentos agradáveis já vividos. Descreveram alguns comportamentos freqüentes, como 'pegar em chaves de carro só para olhar', 'rodopiar', 'rabiscar mapas', 'tocar buzina de táxi', que eram considerados estranhos para as pessoas, mas prazerosos para eles. Na leitura dos profissionais que assistem pacientes pertencentes ao espectro autístico, essas descrições correspondem exatamente aos movimentos e gestos perseverativos e estereotipados, característicos desta população. Contudo, para esses participantes, foram muito mais do que sintomas, pois o entusiasmo que acompanhava a recordação revelou uma possibilidade de



expressão de afeto. Justamente nessas descrições parecia surgir a possibilidade da manifestação de sentido do passado, até mesmo porque todos reconheciam aquele momento como não mais cabível no tempo de agora, por já serem 'grandes'. Nestes casos específicos a restrição no âmbito da temporalidade teve uma abertura sutil através do afeto vivido, mesmo que isoladamente.

O resgate de experiências passadas gerou angústia em um dos participantes ao perceber sua historicidade; porém, manteve-se restrito temporalmente, ou seja, sem a perspectiva do porvir.

Quanto tempo você já viveu? (pensa) *Muito*. Neste tempo que você viveu até agora, de quais acontecimentos você se lembra? *Me lembro do Natal... Foi bons tempos. Na época que eu estudava de manhã. E, quando eu fui para a minha primeira excursão. Esses também foram momentos bons? Hum, hum. Mas acho que você não devia ter feito esta pergunta. Parece que eu irei... morrer.*

Aa, masculino, 13 anos

De certa forma, também neste caso, a possibilidade afetiva evidenciou o sentido temporal, mas a restrição da condição autística impediu sua continuidade.

A amplitude dos resultados deste estudo sob uma perspectiva fenomenológica-existencial também abre a possibilidade de compreensão do modo de interação do autista. O espectro autístico apresenta aspectos de manifestação que não entraram no foco deste estudo; porém, um dos aspectos como o de rigidez gestual poderia ser pensado a partir desses achados. Autistas apresentam postura e movimentos corporais desarmoniosos, como se ocorressem por uma somatória de gestos descontínuos à semelhança do relato dos fatos que não se mostram em um *continuum*, mas em seqüências truncadas.

A perspectiva filosófica de Maurice Merleau-Ponty, na qual a temporalidade é uma condição humana que possibilita ao sujeito, em sua relação intencional com o mundo, constituir o sentido do 'si mesmo', dos entes<sup>5</sup> e das inter-relações, é extremamente ampla e pode propiciar uma compreensão teórica do modo autista de estar no mundo. Principalmente, pelo fato deste filósofo considerar, prioritariamente, a percepção como o solo da constituição e da indagação do indivíduo. A partir deste referencial fenomenológico o autismo poderia ser refletido como uma restrição relacionada a essa percepção que instaura sujeito e mundo.

---

<sup>5</sup> De acordo com Critelli (1996) "ente é tudo o que é, o que tem manifestação (uma pedra, um carro, uma moção, idéia, ocorrência...)".

## 6      **CONCLUSÃO**

O presente estudo, ao abordar a temporalidade em indivíduos com a síndrome de Asperger, abrangidos pelo espectro autístico, evidenciou uma restrição na condição temporal desta população. Na descrição dos resultados pôde-se constatar uma temporalidade restrita explicitada pela presença de prejuízos relacionados à continuidade no contato com o ambiente, à limitada perspectiva no sentido do devir e noção de tempo a partir de elementos espaciais, em detrimento dos aspectos subjetivos, restringindo o compartilhar do tempo comum e a formação de projetos de vida.

A temporalidade, considerada como condição que possibilita ao sujeito constituir o sentido do percebido e do vivido, não apenas proporcionou reflexões importantes no presente trabalho mas, também, abriu a possibilidade de se traçar alguma forma de compreensão, futuramente, do próprio modo de interação do indivíduo autista com o ambiente.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADES, C. **A experiência psicológica da duração. Estudos Avançados.** Série Ciências Humanas. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 6, p. 6-14, 2001.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-IV).** Trad. de Dayse Porto. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-IV-TR).** Trad. de Cláudia Dornelles. 4. ed. revisada. Porto Alegre, Artmed, p. 98-110, 2002.
- ANDERSON, G. M.; HOSHINO, Y. Neurochemical studies of autism. In COHEN, D. J.; VOLKMAR, F. R. **Handbook of autism and pervasive developmental disorders.** 2. ed. Canada, Wiley, p. 325-43, 1997.
- ASPERGER, H. Autistic psychopathy in childhood. In FRITH, U. **Autism and Asperger syndrome.** 20. ed. London, Cambridge University Press, p. 37-92, 1999.
- BARA, B.; BUCCIARELLI, M.; COLLE, L. **Communicative abilities in autism: evidence for attentional deficits.** **Brain and language**, n. 77, p. 216-40, 2001.
- BARON-COHEN, S. From attentional-goal psychology to belief-desire psychology: the development of a theory of mind, and its dysfunction. In BARON-COHEN, S.; TAGER-FLUSBERG, H.; COHEN, D. J. **Understanding other minds – perspectives from autism.** New York, Oxford Medical Publication, p. 59-81, 1997.
- BARON-COHEN, S.; LESLIE, A. M.; FRITH, U. **Does the autistic child have a "theory of mind"?** **Cognition**, n. 21, p. 37-46, 1985.
- BLEULER, E. **Tratado de psiquiatria.** 2. ed. Rev. Bleuler, M. Madrid, Espasa-Calpe, p. 435-36, 1967.
- BONOMI, A. **Fenomenologia e estruturalismo.** 2. ed. São Paulo, Perspectiva, p. 12, 2001.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega.** 13. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2002. 3v.
- BRYSON, S. E. Epidemiology of autism: overview and issues outstanding. In COHEN, D. J.; VOLKMAR, F. R. **Handbook of autism and pervasive developmental disorders.** 2. ed. Canada, Wiley, p. 41-6, 1997.

- COSTE, J. C. Estruturação espaço-temporal. In COSTE, J. C. **A psicomotricidade**. Rio de Janeiro, Zahar, p. 56-62, 1981.
- CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido – uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo, EDUC & Brasiliense, p. 54, 1996.
- CROMER, R. F. **Developmental language disorders: cognitive process, semantics, pragmatics, phonology, and syntax**. *Journal of Autism and Childhood Schizophrenia*, n. 11, p. 57-74, 1981.
- CUNHA, J. A.; FIGUEIREDO, V. L. M.; NASCIMENTO, E. Wechsler intelligence scales (WIS). In CUNHA, J. A., coord. **Psicodiagnóstico – V**. 5. ed. revisada e ampliada. Porto Alegre, Artmed, p. 528-627, 2000.
- FIRST, M. B.; FRANCES, A.; PINCUS, H. A. **Manual de diagnóstico diferencial do DSM-IV**. Trad. de Dayse Batista. Porto Alegre, Artmed, p. 148-9, 2000.
- FLAVELL, J. H.; MILLER, P. H.; MILLER, S. A. **Desenvolvimento cognitivo**. Porto Alegre, Artmed, p. 241-42, 1999.
- FRASER, J. T. **The voices of time: a cooperative survey of man's views of time as expressed by the sciences and by the humanities**. Amherst, University of Massachusetts Press, p. 29, 1981.
- FRITH, U. **Autismo – Hacia una explicación del enigma**. Trad. de Angel Rivière e María Núñez Bernardos. 2. ed. Madrid, Alianza, p. 217-40, 1994.
- HAPPÉ, F. G. **The role of age and verbal ability in the theory-of-mind talk performance of subjects with autism**. *Child Development*, n. 66, v. 3, p. 843-55, 1995.
- HOBSON, R. P. Beyond cognition: a theory of autism. In DAWSON, G., ed. **Autism nature, diagnosis and treatment**. New York, Guilford Press, 1989.
- HOBSON, R. P. **On acquiring knowledge about people, and the capacity to pretend: response to Leslie**. *Psychological Review*, n. 97, p. 114-21, 1990.
- HOBSON, P. Understanding persons: the role of affect. In BARON-COHEN, S.; TAGER-FLUSBERG, H.; COHEN, D. J. **Understanding other minds – perspectives from autism**. Oxford University Press, p. 204-27, 1997.
- HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Trad. de Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 1990.
- JASPERS, K. **Psicopatologia geral**. Trad. de Samuel Penna Reis. São Paulo, Atheneu, 2003.
- JORDAN, R.; POWELL, S. Encouraging flexibility in adults with autism. In MORGAN, H. **Adults with autism – a guide to theory and practice**. United Kingdom, Cambridge University Press, p. 74-88, 2000.

- KANNER, L. **Child psychiatry**. 2. ed. Illinois, Springfield, p. 716-20, 1948.
- LESLIE, A. M.; ROTH, D. What autism teaches us about metarepresentation? In BARON-COHEN, S.; TAGER-FLUSBERG, H.; COHEN, D. J. **Understanding other minds – perspectives from autism**. New York, Oxford Medical Publication, p. 84-111, 1997.
- LURIA, A. R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. Trad. de Juarez Aranha Ricardo. São Paulo, Edusp, p. 223-44, 1981.
- MACIEL, J. C. Franz Clemens Brentano e a Psicologia. In BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F., coord. **Psicologia e pesquisa fenomenológica – reflexões e perspectivas**. São Paulo, Ômega, p. 23-34, 2001.
- MAGALHÃES, M. N.; LIMA, A. C. P. **Noções de probabilidade e estatística**. São Paulo, Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo, 1999.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia – fundamentos e recursos básicos**. São Paulo, EDUC, 1989.
- MENNA-BARRETO, L. **O tempo biológico. Estudos Avançados**. Série Ciências Humanas. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 6, p. 2-5, 2001.
- MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas**. Trad. de Constança Marcondes Cesar. Campinas, Papyrus, p. 41-93, 1990a.
- MERLEAU-PONTY, M. **Merleau-Ponty na Sorbonne – resumo de cursos – psicossociologia e filosofia**. Trad. de Constança Marcondes César e Lucy Moreira Cesar. Campinas, Papyrus, 1990b. p. 69-149: As relações com o outro na criança.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- MINKOWSKI, E. **El tiempo vivido – estudios fenomenológicos y psicológicos**. México, Fondo de Cultura Económica, 1971.
- MINSHEW, N. J.; SWEENEY, J. A.; BAUMAN, M. L. Neurological aspects of autism. In COHEN, D. J.; VOLKMAR, F. R. **Handbook of autism and pervasive developmental disorders**. 2. ed. Canada, Wiley, p. 344-69, 1997.
- MORETTIN, P. A. **Introdução à estatística para ciências exatas**. São Paulo, Atual, 1981.
- MORRISON, D. F. **Multivariate statistical methods**. New York, McGraw-Hill, 1976.

- OMS — Organização Mundial da Saúde. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da classificação internacional de doenças - 10.** Trad. de D. Caetano. Porto Alegre, Artes Médicas, p. 252, 1993.
- OZONOFF, S.; PENNINGTON, B. F.; ROGERS, S. J. **Asperger's syndrome: evidence of an empirical distinction from high-functioning autism.** *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, n. 32 , p. 1107-22, 1991a.
- OZONOFF, S.; PENNINGTON, B. F.; ROGERS, S. J. **Executive function deficits in high functioning autistic individuals: relationship of theory of mind.** *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, n. 32, p. 1081-105, 1991b.
- PIAGET, J. **Noção de tempo na criança.** Trad. de Rubens Fiúza. Rio de Janeiro, Record Cultural, 1946.
- PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança.** Trad. de Manuel Campos. 7. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- PIETTRE, B. **Filosofia e ciência do tempo.** Trad. de Maria Antônia Pires de C. Figueiredo. São Paulo, EDUSC, 1997.
- RUTTER, M.; BAILEY, A.; SIMONOFF, E.; PICKLES, A. Genetic influences and autism. In COHEN, D. J.; VOLKMAR, F. R. **Handbook of autism and pervasive developmental disorders.** 2. ed. Canada, Wiley, p. 370-87, 1997.
- SANTO AGOSTINHO **Confissões.** Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 18 ed. Rio de Janeiro, Vozes, p. 278, 2002.
- SANTOS, M. A. S. M. **A trajetória de um autista e suas implicações com a temporalidade.** *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, n. 1, v. 1, p. 138, 1998.
- SIGMAN, M. D.; YIRMIYA, N.; CAPPS, L. Social and cognitive understanding. In DAWSON, G., ed. **Autism nature, diagnosis and treatment.** New York, Guilford Press, p. 163-74, 1989.
- SPARREVOHN, R.; HOWIE, P. M. **Theory of mind in children with autistic disorder: Evidence of development progression and the role of verbal ability.** *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, n. 36 v. 2, p. 249-63, 1995.
- SPARROW, S. S.; BALLA, D. A.; CICCHETTI, D. V. **Vineland adaptive behavior scales — survey form manual — interview edition.** Minnesota, American Guidance Service, Circle Pines, 1984.
- SPREEN, O.; STRAUSS, E. **Compendium of neuropsychological tests — administration, norms and commentary.** New York, Oxford University Press, p. 56-71, 1991.
- TAGER-FLUSBERG, H. **On the nature of linguistic functioning in early infantile autism.** *Journal of Autism and Childhood Schizophrenia*, n. 11, p. 45-56, 1981.

- TAGER-FLUSBERG, H. What language reveals about the understanding of minds in children with autism. In BARON-COHEN, S.; TAGER-FLUSBERG, H.; COHEN, D. J. **Understanding other minds – perspectives from Autism**. England, Oxford Medical Publication, p. 138-57, 1997.
- TANTAN, D. Adolescence and adulthood of individuals with Asperger's syndrome. In KLIN, A.; VOLKMAR, F.; SPARROW, S. S. **Asperger syndrome**. New York, Guilford Press, p. 393-99, 2000.
- TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Rio de Janeiro, Vozes, p. 312-19, 2003.
- VOLKMAR, F.; CARTER, A.; GROSSMAN, J.; KLIN, A. Social development in autism. In COHEN, D. J.; VOLKMAR, F. R. **Handbook of autism and pervasive developmental disorders**. 2. ed. Canada, Wiley, p. 173-94, 1997.
- WING, L. **Language, social and cognitive impairments in autism and mental retardation**. **Journal of Autism and Childhood Schizophrenia**, n. 11, p. 31-44, 1981.
- WING, L. Asperger's syndrome and Kanner's autism. In FRITH, U. **Autism and Asperger syndrome**. 12. ed. London, Cambridge University Press, 1999.
- WING, L.; GOULD, J. **Severe impairments of social interaction and associated abnormalities in children: epidemiology and classification**. **Journal of Autism and childhood Schizophrenia**, n. 9, p. 11-29, 1979.
- WING, L.; POTTER, D. **The epidemiology of autistic spectrum disorders: is prevalence rising? Mental Retardation and Developmental Disabilities Research Review**, n. 8. v. 3, p. 151-61, 2002.
- ZAZZO, R. **Manual para o exame psicológico da criança**. 2. ed. São Paulo, Mestre Jou, p. 107-25, 1981.



## 1 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ANCONA-LOPEZ, M., coord. **Avaliação da inteligência.** São Paulo, EPU, 1987. 2v.
- ARAÚJO, C. A. **O processo de individuação no autismo.** São Paulo, Memnon, 2000.
- ASSUMPÇÃO JUNIOR, F. B., coord. **Psiquiatria da infância e da adolescência.** São Paulo, Santos, 1994.
- ASSUMPÇÃO JUNIOR, F. B., coord. **Transtornos invasivos do desenvolvimento infantil.** São Paulo, Lemos, 1997.
- ATMANSPACHER, H.; RUHNAU, E. **Time, temporality, now – experiencing time and concepts of time in an interdisciplinary perspective.** Heidelberg, Springer-Verlag, 1997.
- AUGRAS, M. **O ser da compreensão – fenomenologia da situação de psicodiagnóstico.** 10. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2002.
- BARON-COHEN, S. **Do people with autism understand what causes emotion?** *Child Development*, n. 62, p. 385-95, 1991.
- BAUMINGER, N.; KASARI, C. **Brief report: theory of mind in high-functioning children with autism.** *Journal of Autism and Developmental Disorders*, n. 29, v. 1, p. 81-6, 1999.
- BEVERLEY, A. W.; BUONOMANO, D. V.; MAHNCKE, H. M.; MERZENICH, M. M. **Learning and generalization of auditory temporal-interval discrimination in humans.** *Journal of Neuroscience*, n. 17, v. 10, p. 3956-63, 1997.
- BORNHEIM, G. **Metafísica e finitude.** Coleção Debates, São Paulo, Perspectiva, 2001.
- BROWN, J. W. **Time, will and mental process.** New York, Plenum Press, 1996.
- BYRON, P. R., coord. **Neuropsychological assessment of children.** New York, Guilford Press, 1987.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico.** Trad. de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite. 5. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.
- CAVALCANTE, A. E.; ROCHA, P. S. **Autismo – construções e desconstruções.** São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.

- CYTRYNOWICZ, M. B. **O tempo da infância. Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, n. 9, p. 54-73, 2002.
- COELHO JUNIOR, N.; CARMO, P. S. **Merleau-Ponty – filosofia como corpo e existência**. São Paulo, Escuta, 1991.
- DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes – emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.
- ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1984.
- GILLBERG, C., coord. **Diagnosis and treatment of autism**. New York, Plenum Press, 1989.
- GORMAN, B. S.; WESSMAN, A. E. **The personal experience of time**. New York, Plenum Press, 1977.
- HAPPÉ, F. **Wechsler IQ profile and theory of mind in autism: a research note. Journal of Child Psychology and Psychiatry**, n. 35, v. 8, p. 1461-71, 1994.
- HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Medard Boss. ed. Trad. de Gabriela Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo, EDUC. Rio de Janeiro, Vozes, 2001.
- HOBSON, R. P. **Autism and the development of mind**. Essays in developmental psychology. United Kingdom, Psychology Press, 1997.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss de lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa. elab. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- KAIL, R. **Processing time, imagery and spatial memory. Journal of Experimental Child Psychology**, n. 64, p. 67-78, 1997.
- KANNER, L. **Childhood psychosis: initial studies and new insights**. Washington, D. C., Winston et Sons, 1973.
- KLEINMAN, J.; MARCIANO, P. L.; AULT, R. L. **Advanced theory of mind in high-functioning adults with autism. Journal of Autism and Developmental Disorders**, n. 31, v. 1, p. 29-36, 2001.
- LEBRÃO, L.; GOTLIEB, M. J. **Estatística de Saúde**. São Paulo, EPU, 1985.
- MENYUK, P. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem**. São Paulo, Pioneira, 1975.
- MERLEAU-PONTY, M. **Merleau-Ponty na Sorbonne – resumo de cursos – filosofia e linguagem**. Campinas, Papirus, 1990.
- MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

- OTHMER, E.; OTHMER, S. C. **A entrevista clínica utilizando o DSM-IV-TR – fundamentos.** Trad. de Cláudia Dornelles. Rev. Lúcia da Silva Porto. 2. ed. v.1. Porto Alegre, Artmed, 2003.
- PIAGET, J. **A construção do real na criança.** 3. ed. São Paulo, Ática, 1996.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança – imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro, LTC, 1990.
- POMPÉIA, J. A. **O tempo da maturidade. Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse,** n. 9, p. 90-111, 2002.
- RAPPAPORT, C., coord. **Psicologia e epistemologia de Jean Piaget.** São Paulo, EPU, v. 19, 1988.
- RAPPAPORT, C., coord. **Psicologia da percepção.** São Paulo, EPU, 1985. 2v.
- REGO, M. G. S. **Hiperlexia: uma análise cognitiva em síndrome de Asperger.** Dissertação (Mestrado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- ROCCA, C. C. A.; SCHEUER, C.; ASSUMPÇÃO JUNIOR, F. B. **Avaliação neuropsicológica na síndrome de Asperger: estudo de múltiplos casos. Infante – Revista Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência.** v. 8, n. 1, p. 34-43, 2000.
- SOARES, J. F.; FARIAS, A. A.; CESAR, C. C. **Introdução à estatística.** Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991.
- TAGER-FLUSBERG, H. **Autistic children’s talk about psychological states: deficits in early acquisition of a theory of mind. Child Development,** n. 63, p. 161-72, 1992.
- TEUNISSE, J. P.; COOLS, A. R.; VAN SPAENDONCK, K. P. M.; AERTS, F. H. T. M.; BERGER, H. J. C. **Cognitive styles in high-functioning adolescents with autistic disorder. Journal of Autism and Developmental Disorders,** n. 31, v. 1, p. 55-66, 2001.
- TUSTIN, F. **Autismo e psicose infantil.** Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia.** 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação da mente social.** 6. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- ZUKAUSKAS, P. R.; ASSUMPÇÃO JUNIOR, F. B. **Avaliação qualitativa da noção de tempo em um quadro de autismo de alto funcionamento. Infante – Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência,** n. 10, v. 2, p. 90-5, 2002.